REVISTAME

PUBLICAÇÃO ONLINE DA EDITORA EDITA-ME · REVISTA GRATUITA · SEGUNDO NÚMERO

NÃO TINHAS NADA QUE SER AMADA POR ZEUS, EUROPA!
AGORA É O QUE SE VÊ...
ELE FOI DEITAR-SE NA PRAIA, FEITO TOURO,
OS CORNOS FINGINDO LUAS E TU TOCA DE LHE ACARICIAR O PELO!...
AGORA, LÁ VAI ELE CONTIGO MAR ADENTRO,
RECITANDO POEMAS, PENSANDO NO PREÇO DO PETRÓLEO,
NAS COTAÇÕES DA BOLSA, ACARICIANDO O MAGALHÃES,
COMO SE FOSSEM OS TEUS SEIOS DESNUDOS...
(É O QUE DIZ O RELATÓRIO DOS MERCADOS)
E METEM-SE DE AMORES EM CRETA,
À SOMBRA DAS FOLHAS IMENSAS DAS ZAGAIAS,
ENQUANTO QUE NEM VONTADE TEMOS PARA FAZER AMOR NAS SOMBRAS DA CRISE!

EM NADA PENSASTE! E LÁ FOSTE NAS ONDAS DA LIBIDO!
MAS O QUE VERDADEIRAMENTE INTERESSA,
É O ESTADO A QUE ISTO CHEGOU, MINHA QUERIDA!
OS TEUS BISNETOS, SEM TECTO, SEM FUTURO,
PERGUNTAM-SE POR QUE RAIO FOI ELA
METER-SE COM O PAI DOS DEUSES?!...
RAPTADA, NÓS SABEMOS, MAS MESMO ASSIM EUROPA,
EM CRETA HÁ TANTOS RAPAZES... PORQUÊ ZEUS,
QUE É HOJE UM BANCO ALEMÃO?

edita·me

EDITA-ME

EDITORIAL

POR CARLOS LOPES

Após um primeiro número com mais de 5.000 leituras online, mais de 2.000 downloads directos do nosso site e um universo estimado de envio por email superior a 20.000 endereços, eis-nos chegados a este segundo número.

Tal como afirmado no fecho do primeiro, esta não se pretende uma revista estática, mas antes um ser vivo, que se transforme e evolua. Assim, apesar da maioria das secções terem permanecido, algumas novas surgiram, e outras foram suprimidas. Nada é definitivo. Tudo resulta das propostas que os nossos autores e colaboradores nos apresentam.

Foi criada a nova secção "Filma-Me", resultante da proposta do autor Adrião Pereira da Cunha, em ter uma presença regular de opinião sobre cinema.

Como convidada da secção "Convida-Me" temos neste número uma participação diferente da anterior. Para nos falar de uma forma profissional sobre o novo Acordo Ortográfico convidámos a prestigiada lexicóloga Dr.ª Ana Salgado, formadora nesta área, uma das responsáveis pela página do conversor ortográfico da Porto Editora e uma das pessoas mais envolvidas na aplicação das novas regras ortográficas em todo o grupo PE. Com esta participação, pretendemos um esclarecimento útil e despretensioso sobre o assunto, de alguém que é especialista na matéria.

Esperamos que este número continue a merecer o interesse de todos, mantenha a expectativa continuada sobre o próximo número mas acima de tudo, desperte o desejo de conhecer as obras dos autores que nele participam.

REVISTA ME

5 **CRÓNICAS DO INTERIOR**
Alexandra Malheiro

9 **CURTA-ME**
António Bulcão . Maria Sofia Magalhães . Alice Rios

15 **RIMA-ME**
Albino Santos . Luísa Azevedo Ana Coelho . Jorge Pópulo

23 **CONTA-ME**
Henrique Normando . Adolfo Castelbranco Oliveira . Miguel Leitão

33 **FILMA-ME**
Adrião Pereira da Cunha

37 **OPINA-ME**
Celeste Pereira

43 **ENTREVISTA-ME**
Henrique Normando

49 **DESCOBRE-ME**
Ana Sofia Pereira

53 **AVENTURA-ME**
Pedro Branco . Carla Marques Sara Maia Prata

63 **ILUSTRA-ME**
Miguel Ministro

71 **CONVIDA-ME**
Ana Salgado

81 **COMPÕE-ME**
Pedro Lopes

85 **INVENTA-ME**
Susana C. Fonseca . Jorge Pópulo

98 **ARTIGO EDITORIAL**
Carlos Lopes

REVISTAME

CRÓNICAS DO INTERIOR

ESTA SECÇÃO DESTINA-SE A CRÓNICAS COM A ASSINATURA DA AUTORA ALEXANDRA MALHEIRO. SENDO UMA PROPOSTA DA MESMA E UMA PRESENÇA ASSÍDUA, A SECÇÃO ASSUMIU A IDENTIDADE QUE A AUTORA, LEGITIMAMENTE, ESCOLHEU.

CRÓNICAS DO INTERIOR

"SENHORA, PAGUE-ME UMA SOPA!"

POR ALEXANDRA MALHEIRO

O facebook é uma invenção demoníaca, diria mesmo mais, a internet é uma invenção demoníaca. Convém sempre fazer estas asserções de forma clara e dar um ar intelectual-saloio para depois poder disparar contra o poder da máquina que usamos para nos fazermos ouvir. Eu que uso o facebook para fazer chegar mais longe as banalidades que escrevo, como esta ou outra qualquer, sinto-me amiudadamente perseguida pelo monstro. Tenho um bando de "amigos" dos quais não conheço nem um terço — aceito todos os pedidos desde que não apresentem uma suástica como bandeira de fundo e a qualidade dos disparates que debitam me pareça aceitável tanto quanto eu os leia — alguns fingindo intimidades que não há, outros insistindo em enviar flores de congratulação por qualquer coisa que nunca fizemos e os que me enviam persistentemente ofertas de couves e quintas irreais onde nunca pretendi entrar — haverá pepinos em Farmville? — E no meio da barafunda, uma cara conhecida, de uma vida antiga que já não é bem a nossa mas que alguém com o nosso nome e dez ou vinte anos menos terá vivido em tempos. Tem o mesmo olhar, constatamos como engordou e perdeu cabelo, assustador! E uma sarabanda de memórias a atacar-nos, do velho café que já não frequentamos, a rua onde já não moramos, a nossa velha casa com um letreiro — "Vende-se/Aluga-se" — a aprisionar-nos um pedaço por dentro. Cumplicidades de um antigo namoro, semi-secreto à luz da lua, e de repente aquelas lembranças que achávamos ser só nossas, tão nossas que chegamos a desconfiar que nunca tivessem acontecido senão dentro do aquário onde guardamos o passado e as suas fotografias foscas, afinal existem tintim por tintim, às vezes com mais tintins do que nos lembrávamos, na memória de outro alguém ali, à confortável distância de um click, comodamente separados pelo ecrã, a curtir a sépia dos dias.

Abro a página e lá está ela, a pergunta endemoninhada, sempre a atentar contra o meu bem-estar mental: *Em que estás a pensar?* Pergunta a máquina e eu, tão pouco afeita a essas coisas, ponho-me a pensar. Penso que a memória é um lugar de ínvios caminhos. Por onde quer que seja se chega a ela e dela se vai percorrendo os trilhos nevoeirentos da melancolia, coisa tão apreciada dos portugueses, sempre tão apegados à saudade.

A baixa da cidade, onde me sento na esplanada, é um alfobre de retornos à memória e a tempos irreais por já não serem nossos. Só os mendigos parecem indiferentes a estas minhas constatações, tão proficuamente filosóficas, e mantêm-se firmes ícones do nada, só para sabermos que este é ainda o mesmo lugar de sempre. Numa esquina, o cego, de grave e monocórdico vozeirão, perora sobre a sagrada luz que lhe foi negada, mais adiante um outro, em silêncio, leva ao pescoço a mágoa de não ver, modernamente traduzida também em inglês que isto de ser pedinte pode ser um negócio internacional. Adiante a velha sem olhos desafina uma gaita; o homem que se arrasta entre dois bordões exclamando "o xôr por favor 'xa-m'alguma coisinhaaaa???"; o que, sentado na cadeira de rodas, delicadamente diz "boa tarde" antes de pedir a esmola e agradece mesmo aos que lha negam, apesar de visivelmente

CRÓNICAS DO INTERIOR

desapontado; os vagabundos com letreiros pedindo a esmola para o charro e para a ressaca, felizes da sua honestidade; a rapariga de óculos que, apesar da guitarra, canta à capela, de olhos cerrados, e se faz ouvir a uma milha de distância; o rapaz sem dedos, que desmonta da bicicleta e, infeliz, gesticula com a mão amputada que quer comer; o velho de boné na mão que arrasta pelo braço uma velha cega.

Enquanto assim escrevo, o nardo penetrante de suor e mijo vem uma vez mais atentar-me as narinas "Senhora, pague-me uma sopa, pague--me uma sopa!" — é a terceira vez desde que me sentei na esplanada. "Pague-me uma sopa!" — nem dá para nos apiedarmos, se lhe acenarmos com a sopa ela desiste, quer é o dinheiro, e se insistimos afasta-se amuada, resmungando entredentes, acaba-se a cínica poesia da fome.

Porém vem-me à memória um poema de José Tolentino de Mendonça que começa assim "Paga--me um café e conto-te a minha vida", onde mais adiante continua "Pago-te um café se me contares o teu amor".

"Pague-me uma sopa" insiste ela uma outra vez, mais alto ainda, interrompendo-me a crónica e o fio do pensamento.

— "Pago-te uma sopa, se me adicionares ao teu facebook"
— respondo-lhe.

ALEXANDRA MALHEIRO NASCEU EM 1972 NO PORTO, EM MIRAGAIA, MAS VIVE DESDE SEMPRE NO BONFIM. É LICENCIADA EM MEDICINA E ESPECIALISTA EM MEDICINA INTERNA E É TAMBÉM NO PORTO QUE EXERCE. AUTORA DE QUATRO LIVROS DE POESIA, ENTRE OS QUAIS "LUZ VERTICAL" QUE CONTA COM PREFÁCIO DE PEDRO ABRUNHOSA, TEM TAMBÉM POEMAS EM ALGUMAS ANTOLOGIAS E ARTIGOS ESPALHADOS AQUI E ALI EM JORNAIS E REVISTAS, COLABORAÇÕES PONTUAIS QUE LHE DÃO MUITO GOZO. TEM UMA PÁGINA DE AUTOR EM www.alexandramalheiro.no.sapo.pt QUE CONVIDA A VISITAR.

Obras publicadas pela EditaMe:

REVISTA ME

CURTA-ME

DESAFIO À CRIATIVIDADE DOS AUTORES NO SEU PODER DE SÍNTESE, *CURTA-ME* DESTINA-SE A TEXTOS CURTOS, DE APENAS UMA PÁGINA.

CURTA-ME

AÇORIANA-ME

POR ANTÓNIO BULCÃO

São nove calhaus espalhados pelo Atlântico. Nove. Sem contar com os mais pequenos, aos quais chamaram ilhéus, nome igualmente dado aos seres humanos aqui nascidos e logo baptizados de rocio. São bonitas, as ilhas dos Açores. Por dentro e por fora.

Na mais pequena, o Corvo, ainda se deixa a porta aberta, ou então com fechadura que qualquer um pode abrir. Estranho, numa ilha que tem nome de pássaro que tem fama de roubar, negro coleccionador de coisas brilhantes. Ao lado, a ilha das Flores, com as suas lagoas, a sua meninice intacta. No grupo central, domina a montanha do Pico, uma das poucas no mundo que se mostra do sopé ao cume, uma ilha de vinha, de vinhos, de aguardentes brotando da pedra cinzenta, já avisando que será ofensa certa se o forasteiro não aceitar meter o pé dentro da adega, de onde já sairá com o passo trocado. Em frente, o Faial, com a sua Caldeira, o seu vulcão dos Capelinhos, o seu "Peter" de gin tónico servido no meio de uma babilónia conversada. São Jorge, longuíssima agulha sobre o mar, abrindo fajãs e amêijoas. Graciosa, tontos já nos últimos degraus da Gruta do Enxofre. Terceira, a rainha das festas, do Heroísmo a sua Angra, da Vitória a sua Praia, com um povo a rir todo o ano, no Natal onde "o Menino mija" licores em todas as casas, no Carnaval com as suas danças e bailinhos, enorme festival de teatro popular, nos bodos, nas Sanjoaninas… Rumando ao grupo oriental, lá aparece São Miguel, fumegantes furnas cozendo, Sete Cidades deslumbrando. E, por fim, Santa Maria da Baía de São Lourenço, da Praia Formosa, da "Maré de Agosto".

Unem-nos as Festividades do Espírito Santo, eterna chama sobre as nossas cabeças, pomba que não voa, presa a coroas de prata. Aqui temos ar, intacto, sem gasolinas lá dentro. Temos silêncios, apenas cortados nas escarpas pelo gemido dos cagarros. Temos verde, no qual as manchas se chamam vacas, que dão leite ainda com gosto a leite. Temos paz, quando nos sentamos sozinhos na beira de uma caldeira, com milhares de pássaros a cantarem por quilómetros sem fim, quem sabe o hino dos começos, onde já brotou a lava dos inícios. E temos, sobretudo, tempo. Tempo para ser, para estar, sem filas de trânsito, sem esperas de asfalto. Tempo para sermos mais nós, adjacentes outrora, a duas horas de asas hoje, rindo quando nos dizem que temos qualidade de vida. Isso terão os nova--iorquinos nas raras vezes em que comem peixe verdadeiro. Nós temos é apenas vida. E gente que oferece peixe, mesmo a quem sabe pescar…

ANTÓNIO BULCÃO NASCEU NA HORTA, FAIAL, AÇORES, EM 1959.
LICENCIOU-SE EM DIREITO, EM LISBOA.
É, ACTUALMENTE, ADVOGADO E PROFESSOR DE ECONOMIA.
NO ÂMBITO DO JORNALISMO E DA LITERATURA, COLABOROU E COLABORA COM VÁRIOS JORNAIS E REVISTAS, TENDO PUBLICADO TAMBÉM UM LIVRO DE CONTOS.
PREPARA A PUBLICAÇÃO DE NOVOS LIVROS DE CONTOS, NOVELA E ROMANCE, ASSIM COMO A EDIÇÃO DE NOVO CD MUSICAL. PUBLICOU O LIVRO *ESTÓRIAS DE SHORTS* PELA EDITA-ME.

Obras publicadas pela EditaMe:

CURTA-ME

A POESIA RIMA COM QUÊ? COM ECONOMIA?

190345287691026578029435192037453720198675712094756371

POR MARIA SOFIA MAGALHÃES

190345287691026578029435192037453720198675712094756371

ECONOMIA, OU ACTIVIDADE ECONÓMICA
PRODUÇÃO, DISTRIBUIÇÃO E CONSUMO DE BENS E SERVIÇOS, E REPARTIÇÃO DE RENDIMENTOS
DO GR. ***OIKONOMÍA*** - DIRECÇÃO DE UMA CASA

POESIA, OU GÉNERO LÍRICO, OU LÍRICA
UMA DAS SETE ARTES TRADICIONAIS, PELA QUAL A LINGUAGEM HUMANA É UTILIZADA COM FINS ESTÉTICOS; CARÁCTER DAQUILO QUE, POR SER CONSIDERADO BELO OU IDEAL, DESPERTA UMA EMOÇÃO OU SENTIMENTO ESTÉTICO
DO GR. ***POÍESIS*** - ACÇÃO DE FAZER ALGUMA COISA

Produzimos palavras cobertas de silêncio, dedilhadas mecanicamente pelas teclas, com a mais alta tecnologia da solidão. Não deduzimos medo nem paixão, consumimos a própria alma, devagar ou subitamente, ressuscitando e regurgitando o poema, repetido e inacabado eternamente. Servimos letras em dedais de espuma, sempre e teimosamente esticados com os arames que seguram a dignidade. E sonhamos com a distribuição do sonho, em catadupas ou milimetricamente, na medida do que nem sequer sabemos que existe.

De bens, ou de bem, essa verdade ou necessidade ou actividade ou representação do real. Do bem que não sabemos definir, a economia complicada das redes multiplicadas pelos sorrisos. Economicamente achamos bem ou somos o mal, com ou sem a qualidade do demo, desprezados sem utilidades nem uso conhecido, deixamos os números das certezas para quem serve, para quem se quer curto e certo.

Precisamos da língua, como órgão do som e da palavra nesta Babel mundial em torre cada vez mais alta, que a globalização não destrói. Órgão muscular que dança e se contorce na produção fonética das emoções com lágrimas, com rugas, com pedras. Precisamos da mordedura sensual da palavra, das cores inimagináveis que as palavras pintam entre a gente amassada, amarfanhada, lisa, estática, enorme, das telas brancas que riscam sem pedir razões, das máscaras que cobrem na forma, na rima, nas folhas, paredes, palcos, personagens duplas e triplas desdobradas em pétalas ou cimento.

Não uma das sete mas todas as sete, nove ou treze artes, não sei se cabalísticas ou precisas, a poesia não rima, não cede, não se troca, mas diz-se, sente-se, ouve-se, sem género nem lírica, bem de consumo lento, ao serviço dos bens maiores, distribuindo arrepios, assim se consome, uma economia totalmente privada mesmo que pública, mista e mística, filosofia em estado puro.

MARIA SOFIA MAGALHÃES NASCEU A 27 DE DEZEMBRO DE 1961, É CASADA, MÃE DE DOIS FILHOS.
É ESPECIALISTA EM ANATOMIA PATOLÓGICA E DIRECTORA DO SERVIÇO DE ANATOMIA PATOLÓGICA DO HOSPITAL FERNANDO FONSECA, EPE.
POSSUI DESDE 2005 UM BLOGUE DE AUTOR "DEFENDER O QUADRADO", QUE CONVIDA A VISITAR EM
http://defenderoquadrado.blogs.sapo.pt

Obras publicadas pela EditaMe:

CURTA-ME

MÃE
POR ALICE RIOS

tu ficaste tão preocupada quando soubeste de mim que, neste cantinho, dentro de ti, passei a viver na ansiedade e no medo, espiando todos os teus movimentos e trejeitos, sempre que falavas ou pensavas em mim. Vivia ansioso por que te decidisses, para conhecer o meu destino, mas, ao mesmo tempo, tinha muito medo que a tua decisão fosse pela minha morte. Mas tu, mãe, decidiste pelo amor e escolheste a vida! Apesar de essa decisão vir alterartodos os teus planos económicos e sociais, tu disseste sim. Eu hei-de nascer e crescer e quando souber falar, mãe, contar-te-ei a alegria que senti quando te ouvi dizer sim à minha vida.

ALICE RIOS NASCEU EM 1951 EM SANTA MARIA DA FEIRA E VIVE ACTUALMENTE NO PORTO. PUBLICOU OS SEUS PRIMEIROS TEXTOS (CRÓNICAS, POEMAS) NA DÉCADA DE SETENTA EM DIVERSOS JORNAIS E REVISTAS.
EM 1987, ASSUMIU FUNÇÕES DE JORNALISTA, NA REDACÇÃO DO JORNAL DE NOTÍCIAS, NA SECÇÃO DO GRANDE PORTO. PARALELAMENTE, ASSINOU A SECÇÃO DE MODA NA REVISTA NOTÍCIAS MAGAZINE E COLABOROU COM A RÁDIO E REVISTAS.

Obras publicadas pela EditaMe:

REVISTA•ME

RIMA-ME

ÁREA DESTINADA AOS NOSSOS POETAS E À SUA POESIA.

RIMA-ME

A EUROPA E OS DEUSES

POR ALBINO SANTOS

Não tinhas nada que ser amada por Zeus, Europa!
Agora é o que se vê…
ele foi deitar-se na praia, feito touro,
os cornos fingindo luas e tu toca de lhe acariciar o pelo!...
Agora, lá vai ele contigo mar adentro,
recitando poemas, pensando no preço do petróleo,
nas cotações da bolsa, acariciando o Magalhães,
como se fossem os teu seios desnudos…
(é o que diz o relatório dos mercados)
e metem-se de amores em Creta,
à sombra das folhas imensas das zagaias,
enquanto que nem vontade temos para fazer amor
nas sombras da crise!

Em nada pensaste! E lá foste nas ondas da libido!
Mas o que verdadeiramente interessa,
é o estado a que isto chegou, minha querida!
Os teus bisnetos, sem tecto, sem futuro,
perguntam-se por que raio foi ela
meter-se com o pai dos deuses?!...
Raptada, nós sabemos, mas mesmo assim Europa,
em Creta há tantos rapazes… porquê Zeus,
que é hoje um banco alemão?

ALBINO SANTOS, NATURAL DO PORTO, VIVE EM RIO TINTO.
INTERVENIENTE EM DIVERSOS EVENTOS LITERÁRIOS E SARAUS, A SUA POESIA, SUBLINHADA COM MÉRITO PELA CRÍTICA, FOI-SE CONSOLIDANDO "ATRAVÉS DA RIQUEZA E PLURALIDADE DA EXPRESSÃO POÉTICA, SENDO JÁ UM VALOR SEGURO NO PANORAMA LITERÁRIO", CONFORME SUBLINHOU O ESCRITOR E POETA MANUEL ANTÓNIO PINA NA APRESENTAÇÃO DE UM DOS SEUS LIVROS.
POSSUI UM BLOG DE AUTOR, QUE CONVIDA A VISITAR EM HTTP://AS-POLIEDRO.BLOGSPOT.COM

Obras publicadas pela EditaMe:

ESTE MEU AURIR

POR LUÍSA AZEVEDO

perdi-me na imensidão da tua boca,
envolta pelo manto branco da espuma do teu beijo,
uma teia sem saída
onde o segredo se guarda no lado esquerdo do coração
e a luz penetra o sangue pelos poros.
assim me incandesces o brilho do olhar
e iluminas o invólucro que circunscreve o meu corpo.
há uma fuga nos teus olhos,
uma partida sem adeus, nos teus dedos.
há já uma recordação do futuro
onde me tens presente
como se passada do tempo fosse em falso.
há uma memória do que ainda não é,
um aroma que permanece,
uma flor que floresce para botão,
porque voltei a perder-me
na imensidão da tua boca
procurando nela um amor
que não quer deixar-se morrer.

LUÍSA AZEVEDO NASCEU EM LISBOA, EM 1964 E VIVE NO PORTO DESDE 1972. LICENCIADA EM ENGENHARIA TÊXTIL PELA UNIVERSIDADE DO MINHO, GERE DESDE 1990 UMA EMPRESA DE MOBILIÁRIO E DECORAÇÃO.

Obras publicadas pela EditaMe:

RIMA-ME

A LOUCURA DA PALAVRA

POR ANA COELHO

Sabes amigo
hoje escrevo-te
para te dizer
que a palavra morreu,
sucumbiu nas ameias
da garganta
pálida na respiração
que a língua não lhe deu!

Agora já nem os olhos
choram
as moradas onde ela
se vai dilacerar...

E no fim da vida
a sua única despedida
foi a vírgula esquecida
entre duas sonantes palavras.

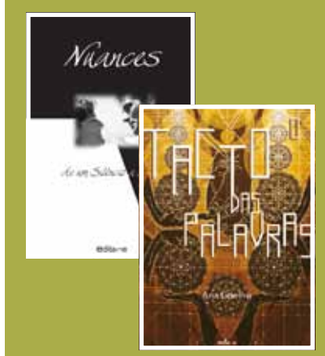
Ah! É verdade
não era uma vírgula só
trazia consigo um ponto
um ponto congénere
com o ponto final,
mas era apenas
uma alegoria à vírgula marota
que teima em parar a respiração!

E agora que a palavra morreu
e jaz numa lápide fresca
nos escombros do sol,
o poeta pode fechar a gaveta
arrumar a caneta
e da folha de papel
fazer uma caravela
deitá-la no rio
a deslizar ao encontro
do imensurável mar...

E tu amigo
podes enfim navegar sem parar!

ANA COELHO É NATURAL DE ANGOLA, E RESIDE NO CARREGADO, EM ALENQUER.
DESDE CEDO QUE A LITERATURA É UMA PAIXÃO, EM ESPECIAL A POESIA. HÁ CERCA DE 4 ANOS COMEÇOU POR MOSTRAR OS SEUS TRABALHOS NA INTERNET, QUASE TODOS EM POESIA, EMBORA TAMBÉM OS CONTOS E A PROSA POÉTICA FAÇAM PARTE DESTE CONJUNTO.
FOI MEMBRO DE UMA BANDA FILARMÓNICA DURANTE 6 ANOS.
ESTÁ TAMBÉM LIGADA AO ARTESANATO, COM TRABALHOS EM PONTO DE CRUZ, E QUADROS FEITOS A PARTIR DE FOTOGRAFIAS.

Obras publicadas pela EditaMe:



RIMA-ME

O TESOURO

POR JORGE PÓPULO

Anunciou-se pela manhã
Vestido de punhal fero
Queimando no olhar de morte.
Buscou o cajado da partida.
Trincou a fortuita romã,
Esqueceu costumado esmero
E rasgou a ladainha da sorte,
Sem mais, tossiu a despedida.
Não chorou ou riu.
Cobriu-se de libertador véu,
Sem festa, sem exéquias,
Simplesmente saiu…

Puxou o céu,
Enrolou-o
Sem vinco ou esquina.
Espremeu o Sol,
Tirou-lhe o ar e dobrou-o
Como fole de concertina.
No baú de couro
Juntou algumas nuvens
Para melhor acomodar
O seu tesouro…
Todos guardou, com afeição.
E neles espetou anzol,
No ensejo de reencontrar
O isco do coração.

Atrás de si, bateu a porta
Derrubou a casa e aniquilou a rua.
E não contente,
Extraiu aquele pedaço de mundo,
Como se fora dente estragado,
Triturou-o e purgou-o no fogo.
Às escuras aventurou
Só com noite e um pouco de Lua
Hirto como cardo indolente,
Sem topo nem fundo,
Vulto aleijado
Mas, sem lamento ou rogo…

Solitário de alma,
Desprovido de rumo,
Segue a direcção do vento,
Descrente do semelhante,
Sem fé de cristão ou mouro.
Virá manhã que salva
Lírica de rouxinol de fumo
Trovando o fim de tormento
E de novo, o infante
Partilhará o baú do seu tesouro…

JORGE PÓPULO NASCEU EM 1970. NOS BRAÇOS GRANÍTICOS DO INVICTO BERÇO PORTUENSE E DA ALCOFA DE MATIZ TRANSMONTANO, VIU A LUZ EMANADA DA MATERNIDADE, PARA LOGO ESPREITAR AS CORES DA EXISTÊNCIA, NO BAIRRO DO LEAL.
DECIDIU QUE A HISTÓRIA ERA O SEU RUMO. ACABOU POR ENGROSSAR O EXÉRCITO DE ESTUDANTES UNIVERSITÁRIOS. VIAJOU POR MUNDOS DISTANTES, PRESOS NO PASSADO, MAS CORREDIÇOS PARA O FUTURO.
FICOU A CONHECER MELHOR O PRESENTE. ESTUDOU CIÊNCIAS DOCUMENTAIS E CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO.
ACTUALMENTE, TRABALHA E ESTUDA NA FACULDADE DE ENGENHARIA DO PORTO. ESCREVE NAS HORAS LIVRES. NAS HORAS MAIS SUSCEPTÍVEIS, SOBRETUDO…

Obras publicadas pela EditaMe:

REVISTAME

CONTA-ME

LUGAR PARA CONTOS COM UM MÁXIMO DE
QUATRO PÁGINAS NA SUA FORMA ORIGINAL.

CONTA-ME

O REVERSO DA MEDALHA

POR MIGUEL LEITÃO

Com a designação de "Terras do Demo", Aquilino Ribeiro batizou e imortalizou uma região granítica e serrana em cujas dobras se aninha a aldeia que me viu nascer e me assistiu na meninice: o Arcozelo do Cabo, pequena comunidade em que a existência é uma pitoresca aventura de sabor agridoce.

Os tempos a que me reporto eram difíceis e a qualidade de vida não se evidenciava pela excelência. A guerra tinha terminado há anos, é certo, e o acesso aos produtos dantes racionados, como a mercearia e o açúcar, era mais fácil, já não tendo de se lançar mão das senhas de antigamente, mas o decorrer da vida parecia ter estagnado no seu lado mais pobre, sob o estigma da escassez de bens e de serviços. Cultivar para comer era a forma de subsistir naquelas terras batidas pelo vento, cuja rijeza tingia de negro e de roxo a pele das mãos e do rosto e polia e arredondava os calhaus de tanto lhes dar. E algum proveito no cultivo, só para quem tivesse belgas de seu, que trazê-las de renda, por maior que fosse o esforço e por mais que escorresse o suor e as regasse, o que no final do ano se colhia mal dava para pagar ao dono da terra!

A casa de meu pai era uma casa remediada, tendo até fama de ser abastada, a avaliar pela rima de batatas amontoadas na loja, pela arca atestada de feijão "do vermelho" e "do manteiga", pelos cabos de cebola ao dependuro nas traves, pelos três alqueires de pão cozidos com regularidade quinzenal, e pelo azeite e vinho que chegava para consumo, sobejando até para se vender. Matava-se o porco todos os anos, o que era uma fartura, e nunca se negava um bocado de toucinho

CONTA-ME

curado, uma malga de sal ou de azeitonas curtidas, mendigadas em horas de maior aperto. Também abundavam as castanhas para alimento das pessoas e dos porcos, e os figos que, secos, eram óptimo lastro para a cachaça que os trabalhadores entornavam ao mata-bicho, logo pela manhã. E havia fruta, muita fruta da época — ameixas, cerejas e pêssegos — sem esquecer os cestos e cestos de maçãs "do bravo" e "da costa" que o feitio económico da minha mãe conseguia regular, de modo a darem para passar o inverno e para não deixar ir sem nada os ranchos de crianças que, nas festas, iam lá a casa cantar as Janeiras e os Reis.

Mas toda a medalha, tal como a vida, tem duas faces, e crescer em casa farta não nos furtava a certas obrigações que, em tempos menos bons, se traduziam numa certa austeridade no viver e até em acentuados sacrifícios. A fartura não era sempre! Mostrava-se, sobretudo, nos dias de faina agrícola, em que os trabalhadores, contratados a comer, tinham que ser bem tratados para terem força e se agarrarem com mais gosto; além disso, bem comidos e bem bebidos, não teriam coragem de se negar a vir numa próxima roga. O desafogo também se podia ver nos dias em que apareciam visitas, familiares e pessoas das nossas relações que, vindas de Almada, Tomar, Nazaré, ou de terras vizinhas, tinham de ser, à hora do lanche, obsequiadas com chá, vinho branco ou jeropiga, sempre acompanhados de algo que se trincasse e que se ia buscar às reservas que constituíam o que a minha mãe chamava o "governo da casa".

Por isso o presunto, as chouriças, os salpicões e outros enchidos tinham sobre si pesado travão, que o ano era longo "e que é que se havia de dar ao pessoal, nos dias em que não viesse a sardinheira ou o peixeiro?" O queijo de cabra, a marmelada e as compotas, embora não se destinassem aos trabalhadores, que eram de gasto e preferiam comida de sustento, tinham também de acompanhar o pão com uma certa parcimónia, para não desfalcar as tais reservas, que até seria uma vergonha se aparecesse alguém de repente e não se lhe pusesse nada e, mais vergonha ainda, não haver nada para se lhe pôr.

Vergonha também, quando em Maio se findavam as batatas e elas faziam falta para engrossar a água da sopa, era que os estranhos viessem a saber disso. O remédio era ir a casa de um tio que ainda se governasse com as velhas, ou que já andasse a comer das temporãs, e pedir uma ou duas cestas emprestadas. A ginástica que então se fazia para que ninguém desconfiasse de nada! Ia-se pela calada, já de noite, e traziam-se escondidas, cobertas com uma saca ou com um resto de lona de um toldo, pois "que é que o povo havia de dizer de uma casa tão miserável que nem batatas tinha para todo o ano?"

Tinha-se por certo que a consideração das pessoas se granjeava com certa forma de viver, em que a educação, a correcção no trato, o aprumo, o asseio no vestir e a limpeza da casa eram pedras basilares. Mas acreditava-se também que aparentar uma existência desafogada tinha o seu papel preponderante, sobretudo na manutenção da respeitabilidade conquistada. As pessoas humildes gostavam mais de se acolher à sombra de uma casa onde lhe não era negado, nos dias de ano, um pingo de azeite para o caldo, ou um copo de mel para o chá de sabugueiro, no tempo das constipações, do que encostar-se a paredes de onde nada podia esperar.

De maneira que, muitas vezes se "fazia das tripas coração" e nada de confessar misérias "para se não darem gostos aos inimigos". Pelo contrário, era importante "dar certos ares", sobretudo naquilo que se tornava público. Daí a necessidade de a casa se quotizar com alqueires de milho que se vissem para a côngrua do abade, de se mandar apontar no rol a oferta mais avultada para as obras da igreja, e de se caprichar nos bolos, nos pratos enfeitados de doces e demais oferendas, que os mordomos recolhiam para o leilão em prol das festas de Santa Bárbara. E chegada a festança, juntavam-se lá em casa mais músicos ao almoço do que em qualquer outra casa por onde tinha sido feita a distribuição. E a pretexto de irem chamar o mestre, que era lá que se aboletava, todos os músicos se atestavam nas escadas com mais um copo, depois de almoço.

E a ária que, como forma de agradecimento, os músicos tocavam à porta de casa, antes de irem pegar fogo aos pés dos dançarinos no largo, não impedia que no dia seguinte e no dia a seguir ao seguinte, e noutros dias que haviam de vir e nos que se haviam de seguir a estes, não tivesse que se passar por uma série de privações, e levar uma existência que só uma imaginação fulgurante, uma vontade firme, uma mão de ferro e uma cabeça equilibrada como as de meus pais conseguiam que primasse pela dignidade e que, simultaneamente, mostrasse ser uma vida airosa e feliz e, por isso mesmo, invejada.

MIGUEL LEITÃO NASCEU EM 1946 NO ARCOZELO, CONCELHO DE MOIMENTA DA BEIRA.
LICENCIOU-SE EM 1975 EM FILOSOFIA, ÁREA EM QUE EXERCE FUNÇÕES DOCENTES.
PROFESSOR E CO-AUTOR DE MANUAIS DE FILOSOFIA E DE PSICOLOGIA, SEMPRE REPARTIU A SUA ACTIVIDADE COM A POESIA, TENDO JÁ PARTICIPADO EM DIVERSAS PUBLICAÇÕES.
NO CAMPO DAS ARTES VISUAIS DEDICA-SE AO DESENHO E À PINTURA, CONTANDO JÁ COM VÁRIAS EXPOSIÇÕES INDIVIDUAIS E COLETIVAS.
PUBLICOU RECENTEMENTE O LIVRO DE POESIA "O TEMPO E AS COISAS" PELA EDITA-ME.

Obras publicadas pela EditaMe:

CONTA-ME

A GRADE DE OURO

POR OSVALDO PINHO

Desde miúdo — aí na década de 50 do século passado — eu ouvia falar, com alguma insistência, na grade de ouro que estava algures no fundo do rio Caima!

Certo dia, por um desses acasos que sempre na vida acontecem, escutei uma das figuras proeminentes desta lenda.

Conversava comigo, sentados num degrau de escada, comigo, um garoto na casa dos 10 anos, como se de um bisavô se tratasse a contar histórias ao seu bisneto, tão mais velho era do que eu.

Nessa época difícil as pessoas, mesmo com alguma ocupação, recorriam ao amanho da terra para a sua subsistência principal, e, como os rios Caima e Vigues passavam ali mesmo ao alcance da vista ou de alguns passos, quantas vezes completavam as refeições ora com barbos, ora bogas ou trutas.

Era o caso do Ti´Ângelo — o meu interlocutor — tamanqueiro de profissão, que pescava preferencialmente no Poço do Crasto, no rio Caima, lá para mais perto de Ossela. Ia pelo Barbeito, margem esquerda do rio, atravessando mais à frente — quantas vezes pisando água — no açude ali no vale que se fechava logo a seguir.

Encontrava-se, invariavelmente, com outro pescador, de idade já bem avançada, que residia por perto. A frequência dos encontros fez deles dois amigos e por essa razão passaram a pescar no mesmo pesqueiro, assim sempre não estavam sós naquele sítio ermo, conversavam e o tempo passava melhor. Até que se tornaram confidentes.

O Ti´Angelo, bom observador, reparou que o velhote lançava o anzol, lançava... recolhia, lançava e recolhia... e peixe, nem vê-lo.

E um dia perguntou-lhe:

— Se neste pesqueiro eu vou tirando algum peixe, com alguma paciência, é certo, mas vou pescando, qual a razão de tantos lançamentos que faz e não lhe pega nenhum peixe?

O velho nada dizia. Calava-se. Parece que ninguém falara para ele. E o Ti´Angelo, intrigado, prometeu a si mesmo que sempre que se encontrassem lhe repetiria a pergunta. E assim fazia.

Até que um dia — "quem porfia, sempre alcança" — naquela manhã de tempo feio, pesado, agreste, com nuvens negras que adivinhavam trovoada, tempo carregado, medonho, o Ti´Angelo fez a pergunta sacramental.

O Ernesto, então, resolveu pôr fim ao silêncio!

— Olha, Ângelo, tornámo-nos amigos e tenho verificado que és homem para guardar um segredo e por isso vou contar-te a razão de fazer tantos lançamentos e nada pescar. Mas tens que me jurar que não vais dizer a ninguém. Só com essa condição te revelarei.

— Claro — diz o Ângelo — juro que guardo segredo.

— Bem, então vês que não pesco nada. Na realidade eu não sou pescador de peixes. A minha pesca é outra...

Faz silêncio durante algum tempo, como que a sacudir a memória. E continuou:

— Estou aqui a tentar descobrir aquilo que o meu avô me contou há muitos, muitos anos, era eu um menino. Agora estou velho, vês como tenho os cabelos e a barba cobertos de neve. Não quero morrer com este segredo atravessado! Ele dizia-me que aqui, neste sítio, mesmo por baixo da

CONTA-ME

Nossa Senhora do Crasto, no fundo destas águas profundas e escuras, havia uma grade enorme e pesada, toda de ouro maciço, que só pode ser retirada por cinco pessoas ao mesmo tempo, mas cumprindo as instruções precisas que constam no Livro de S. Cipriano! Falei com os meus antigos companheiros de escola e alguns vizinhos, mas não acreditaram. Até hoje! Como vês, estou velho. Nunca mais falei disto a ninguém. Digo-o a ti. Eu já não sou capaz. Sei que vais tirar a grade, fazer o que eu não fiz. Entendes?
O tamanqueiro ouviu, mas algo o intrigava.

— Só não percebo que tenham que ser cinco pessoas. Se a grade de ouro é tão pesada, podia vir mais gente...

— Compreendo — diz o Ernesto. Cinco pessoas correspondem... às Cinco Chagas de Cristo! Lembra-te que este local mete medo. E dizia o meu avô que a grade está guardada pelo diabo!

O tamanqueiro arrepiou. Ia falar, mas o Ernesto logo lhe disse:

— Não faças mais perguntas. Arranja o Livro de S. Cipriano, que está lá tudo. Que os teus amigos não dêm à língua e que sejam valentes. Reparei como ficaste com os cabelos em pé e como recuperaste rapidamente. É bom sinal! Se os teus amigos forem como tu, tudo correrá bem.

Passou algum tempo. O Ernesto, como prenunciara, falecera e nada mais lhe poderia dizer. O tamanqueiro, ausente o seu fiel amigo, tratou de reunir os cinco companheiros. Pensou dias e noites a fio, até que, finalmente, conseguiu juntar os cinco valentes e silenciosos homens.

Juntos e em segredo rigoroso, tentaram e conseguiram obter o Livro de S. Cipriano, empreitada muito difícil naqueles tempos, mas ultrapassada com determinação.

Com o livro nas mãos, havia que decifrar a mensagem, o segredo mais importante sobre a grade de ouro, como conseguir arrancá-la às profundezas daquelas águas escuras.

Leu, leu outra vez e voltou a lê-lo. Nada descortinava. Meditou... e resultado zero. Mas desistir, isso é que não!

Passou a ler parágrafo a parágrafo e a tentar descobrir qualquer ligação, uma pista que lhe desse alguma luz. Ao fim de muitas semanas de gigante paciência, finalmente conseguiu!

Os amigos estavam impacientes e alguns já descrentes. O tamanqueiro explicou-lhes tudo: o mês do ano, a semana, o dia e, até, a hora em que teriam de ir ao fundo do rio e trazer a grade.

Chegado o tão ansiado dia, todos se dirigiram ao local, por caminhos diferentes e espaçadas horas, para não despertarem suspeitas.

Com a estratégia bem decorada, cada qual sabia o que tinha que fazer, segundo o Livro de S. Cipriano.

Atiraram-se ao rio e chegaram à doirada grade! A noite era de luar e a grade brilhava...

Puxaram. A grade não se moveu! Não foi surpresa, sabiam que era assim, mas a ansiedade turvou-lhes o pensamento. Voltaram à superfície, para respirar e ganhar alento. Pressentiam, contudo, que algo de terrível, espantoso e medonho estava para acontecer.

Mergulharam de novo, desamarraram as cordas...

Trovões, raios, coriscos eclodiram, colossais! Os cinco homens, com estoicismo, seguravam a grade. De súbito, das águas escuras do Caima emergiram figuras extraordinárias, rugindo e lançando chamas. Os homens mantiveram a coragem e venceram esta difícil situação! Içaram a grade até à tona de água e iam arrastá-la para terra.

— Graças a Deus! A grade é... Exclamava um deles.

Novamente raios, trovões, tremores de terra, abanões e gritos desabaram sobre eles. E a grade, rapidamente, com um brilho extraordinário, desaparecia nas águas profundas.

Ninguém soube o que acontecera, nem como, mas aqueles destemidos homens, a partir daquele dia, nunca mais foram os mesmos!

Um ficou cego, outro coxo, outro enlouqueceu, outro emudeceu e outro ensurdeceu!!!

E a grade? Ainda continuará no rio?

OSVALDO PINHO NASCEU EM VALE DE CAMBRA, NA FREGUESIA DE VILA CHÃ, EM 1940, ONDE RESIDIU ATÉ 1964. ACTUALMENTE TEM RESIDÊNCIA EM LIVRAÇÃO, FREGUESIA DE TOUTOSA, CONCELHO DE MARCO DE CANAVESES. BANCÁRIO DESDE 1964, SEMPRE LIGADO AO BANCO BORGES & IRMÃO, APOSENTOU-SE EM 1995.
EM 1997 PROSSEGUIU A MESMA CARREIRA PROFISSIONAL NO BANCO ALVES RIBEIRO, S.A., HOJE BANCO INVESTE.
ESCREVENDO DESDE BASTANTE JOVEM, COLABOROU COM DIVERSOS JORNAIS E REVISTAS.
É AUTOR DE VÁRIOS LIVROS DE POESIA.

Obras publicadas pela EditaMe:

REVISTA ME

FILMA-ME

ESTA SECÇÃO DESTINA-SE A OPINIÕES SOBRE FILMES, COM A ASSINATURA DO AUTOR ADRIÃO PEREIRA DA CUNHA, DANDO RESPOSTA A UMA SUGESTÃO DO MESMO, QUE PASSA A ASSUMI-LA DE FORMA REGULAR.

AQUELE QUERIDO MÊS DE AGOSTO, DE MIGUEL GOMES

POR ADRIÃO PEREIRA DA CUNHA

Ao visualizar pela primeira vez *Aquele Querido Mês de Agosto*, de Miguel Gomes, 2008, fiquei duplamente impressionado e de forma contraditória.

Rever o interior das Beiras com a entrada de Coja e a belíssima ponte sobre o rio Alva, S.Paio de Gramaços, Anseriz, Pardieiros, Monte Culcurinho, Celavisa, a Serra de Arganil e o sincero povo Beirão, tudo isto com uma excelente fotografia, excelentes planos e ao mesmo tempo ouvir um tipo de música que nos momentos iniciais não me deixava efectuar uma leitura tranquila e, como tal, me deixava demasiado confuso.

Carreguei mais que uma vez na tecla de "Rewind", sobretudo nos primeiros trinta (30) minutos, de forma a tentar perceber se estava a assistir a um documentário ou ficção. Sim! Assistia aos dois casos, quando estamos a ver um, estamos a ver o outro ao mesmo tempo. É a vida real de um povo do interior das Beiras que se não encontra a mais de 66 km de Coimbra e 65 km de Viseu. Tão perto e tão distante de tudo e de todos.

Durante o mês de Agosto é o regresso dos emigrantes ao coração do seu País e família. Aos jogos tradicionais, aos bailaricos e romarias, aos traumas e problemas familiares. Os tradicionais foguetes, mesmo em pleno verão, no interior (anteriormente) densamente florestado da Serra de Arganil. Bebe-se vinho tinto e canta--se o "Padre-nosso do Vinho" acompanhado de "Fanta" e bebendo cervejas. Caça-se javali e cozinha-se de forma tradicional. A cultura tradicional viva e que se faz estar presente de forma respeitável com todos os sentidos vivos.

Uma relação estranha entre pai e filha, confrontada de forma violenta num cantar à "desgarrada", dando a entender que mais parece uma relação entre marido e mulher. Mulher que fugiu de casa, assunto "tabu" entre a família. Relação incestuosa entre primos. Três personagens de uma banda musical. Amor e música, amor e confrontos entre fantasmas do passado. Hormonas em movimento no calor típico do interior de Arganil.

O confronto entre viaturas ultrapassadas como o carro dos Bombeiros de Arganil, a motorizada "Famel Zundap" e as sofisticadas motos de alta cilindrada. Motards que normalmente são tidos como "marginais" e tão prestáveis no auxílio ao taxista, sendo o próprio médico um "Motard" pois sai de capacete na cabeça.

O ritmo da história é como o das filmagens e das músicas; imprevisível como se de uma pintura ou um poema se tratasse.

O espectador é constantemente mantido na surpresa e na inconstância sem saber o que vai acontecer e qual o seguimento lógico das narrativas, pois não existem.
Miguel Gomes não teve receios de poder cair no ridículo e avança sem medos em todos os sentidos estéticos.

"*Não estou a seguir o argumento? Que venha dinheiro de Lisboa e arranjo actores...*"

A história do Paulo "Moleiro" que se atira da ponte supostamente fugindo dos marroquinos por causa de um casaco e depois de ter bebido um pouco mais.

Os actores utilizados além da própria equipa de filmagem são personagens locais. Tal pode ser entendido como uma das linhas de orientação do cinema actual e da nova geração de realizadores.

As músicas seleccionadas representam a crença que estas pessoas têm nestas canções e suas letras e não existem pretensões a mais; *Baile de Verão* (José Malhoa), *A Minha Guitarra* (Tony Carreira), *Um amor com outro amor* (L.Galan); *Meu Querido Mês de Agosto* (José Reza); *Escravo do teu encanto* (Emanuel/TóMaria Vinhais); *Amor, Amor antigo* (Marante); Banda Torreselense Estrela d'Alva; *Nossa Senhora* (Roberto Carlos); *Goldberg – Variations* (Bach); *Santa Catarina* (Valdemar Sequeira); *Minha Mãe* (poema de João de Deus); *Sonhos de menino* (Tony Carreira/ Ricardo); *Som de Cristal* (Benedito Onofre Seviero/Aparecido Tomás de Oliveira); *Passear Contigo* (Broa de Mel); *Eu quero-te a ti* (Broa de Mel); *Topless que desabafos* (Letra e música de Jorge Oliveira).

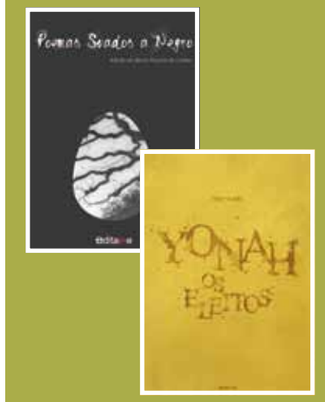
FILMA-ME

Actores:
Tânia – Sónia Bandeira; Hélder – Fábio Oliveira; Domingos – Joaquim Carvalho; Lena – Andreia Santos; Gomes – Armando Nunes; Celestino – Manuel Soares; Fátima – Emmanuelle Févre; Eric – Diogo Encarnação; Baixista – Bruno Lourenço; Rosa Maria – Maria Albarran; Médico – Nuno Mata e Paulo "Moleiro; Acácio Garcia; Luís Marante.

Ficha técnica:
realização Miguel Gomes • argumento Miguel Gomes, Mariana Ricardo, Telmo Churro • arranjos musicais Mariana Ricardo • director de fotografia Rui Poças • assistente de imagem Lisa Persson • director de som Vasco Pimentel • 1º assistente de realização Bruno Lourenço • 2º assistente de realização Catarina Ramalho • anotador Telmo Churro • decoração & guarda-roupa Bruno Duarte • assistente de decoração & guardaroupa Susana Moura • montagem Telmo Churro, Miguel Gomes • montagem de som Miguel Martins, António Lopes • mistura Miguel Martins • director de produção Luís Urbano • chefe de produção Patrícia Almeida • coordenadora de produção Cristina Almeida • assistente de produção Joana Vaz da Silva • produtores Luís Urbano, Sandro Aguilar • co-produtor Thomas Ordonneau
35MM | 1:1.66 | DOLBY SRD | 150'

ANASCEU EM 1960.
POSSUI UMA FORMAÇÃO ACADÉMICA ECLÉTICA E UMA VIDA PROFISSIONAL QUE LHE PERMITIU CONHECER O MUNDO E SUAS DIVERSAS CULTURAS. FUNDAMENTALMENTE PERMITIU-LHE CONHECER O HOMEM NAS SUAS DIVERSAS VERTENTES. PUBLICOU PELA EDITA·ME O LIVRO DE POESIA *POEMAS SUADOS A NEGRO* EM 2009 E *YONAH - OS ELEITOS* EM 2011 SOB O PSEUDÓNIMO FREY KARL.

Obras publicadas pela EditaMe:



REVISTA•ME

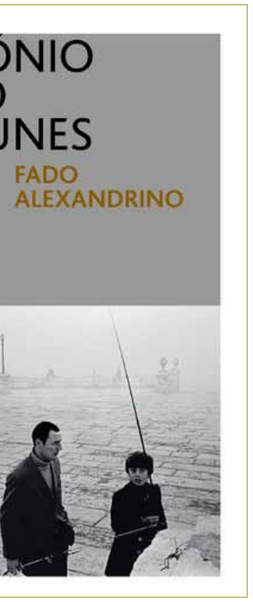
OPINA-ME

PORQUE É IMPORTANTE A PARTILHA DE TUDO O QUE GOSTAMOS, AQUI SE FARÁ REFERÊNCIA A OBRAS DE OUTRAS EDITORAS, PELA OPINIÃO DE CELESTE PEREIRA.

OPINA-ME

FADO ALEXANDRINO

POR CELESTE PEREIRA



Para este número pareceu-me bem escolher um escritor absolutamente incontornável em língua portuguesa: António Lobo Antunes.

Nascido em Lisboa em 1942, de uma família burguesa, licencia-se em medicina, especializando-se em psiquiatria que deixa de exercer para se dedicar por inteiro à arte da escrita.

É detentor de uma personalidade polémica, surgindo, geralmente, com uma postura algo contundente.

Adorado por uns, detestado por outros, incompreendido por muitos outros, a verdade é que não deixa os leitores indiferentes.

Publicou os dois primeiros romances em 1979, *Memórias de Elefante* e *Os Cus de Judas*, seguindo-se, em 1980, *O Conhecimento do Inferno*. Com esta trilogia, de cariz eminentemente auto-biográfico e ligada à sua experiência na Guerra Colonial, dá início a uma brilhante carreira, sendo de imediato impelido, quer pela crítica quer pelo público leitor, para o patamar dos autores mais lidos e mais discutidos.

Desde então vão-se sucedendo muitos outros romances (quase um por ano…), crónicas, mais raro mas também… poemas e muitos prémios.

• Prémio Franco-Português, 1987 (*Cus de Judas*), Grande Prémio de Romance e Novela da Associação Portuguesa de Escritores, 1985 (*Auto dos Danados*), Prémio Melhor Livro

OPINA-ME

Estrangeiro publicado em França, 1997 (*Manual dos Inquisidores*), Prémio Tradução Portugal/ Frankfurt, 1997 (*Manual dos Inquisidores*), France-Culture (*A Morte de Carlos Gardel*), Prémio de Literatura Europeia do Estado Austríaco, 2000, Prémio União Latina, 2003, Prémio Ovídio da União dos Escritores Romenos, 2003, Prémio Fernando Namora, 2004, Prémio Jerusalém, 2005, Prémio Camões, 2007 Prémio José Donoso, 2008, atribuído pela Universidade de Talca, Chile, Prémio Clube Literário do Porto 2008.

Os seus últimos romances, com um tipo de escrita muito mais denso, muito mais apurado na sua complexidade mas também na sua rara mestria, são *Que Cavalos São Aqueles Que Fazem Sombra no Mar* (2009) e *Sôbolos Rios que Vão* (2010).

Irei falar de *Fado Alexandrino* publicado em 1983. Mais um livro absolutamente cativante.

E não, não é pela originalidade do seu enredo. Na verdade, António Lobo Antunes desenvolve um tema recorrente na maioria dos livros que li dele: as memórias da guerra e a forma como ela veio a influenciar os percursos de vida de quem por lá passou.

Dito desta forma, poderemos ser levados a pensar que, enfim, li mais do mesmo.

Nada disso!

Embora, como já disse, o assunto não seja novo, a verdade é que é explorado sempre de forma diversa.

Neste caso, ao longo das 715 páginas que constituem o livro, vamos acompanhando os desabafos que quatro (cinco? Tenho dúvidas em relação ao capitão, personagem apenas ouvinte)personagens, antigos combatentes em Moçambique, de patentes diversas (do soldado ao general), já completamente ébrios de vinho e de mágoa, vão desdobrando num jantar de batalhão que teve lugar dez anos depois de terminada a guerra colonial.

Bem, na realidade, quem tem que desdobrar e recompor o puzzle que é a escrita deste livro somos nós, os leitores. Confesso que me criou algumas dificuldades em relação ao encaixe de todas as peças.

É que, embora esteja escrito numa linguagem de matriz eminentemente objectiva, as constantes interrupções e/ou descontinuidades discursivas entre os diversos narradores tornam-no um rendilhado difícil de compor. As diferentes vozes misturam-se, completam-se, galgando tempos e espaços sem que se desviem daquilo que, no meu ponto de vista, é o objectivo principal: dar-nos uma perspectiva, através do percurso de vida das personagens nesse período de 10 anos, de um Portugal antes, durante e num pós-/próximo do 25 de Abril de 1974.

Tudo decorre no espaço temporal de uma noite e uma manhã. Contudo, nesse espaço de tempo desfilam perante o leitor algumas vidas com as suas voltas, as suas lutas, os seus desencontros, as suas traições… e até, curiosamente, as suas interligações. Todas se tocaram a dado momento, sem que de tal se apercebessem.

No decurso de cada uma delas e de todas, António Lobo Antunes vai abordando, sempre de forma muito cáustica, muito dura, muito grotesca (provavelmente muito real na sua ficção) instituições militares, políticas, diversos sectores da sociedade, organizações partidárias, a polícia política, as prisões, a guerra…

É uma escrita talvez algo agónica, pois as vidas que se vão desenrolando perante nós estão irremediavelmente presas à derrota, ao desânimo, ao fracasso, ao medo. Consequência das duras vivências da Guerra Colonial? Dos tempos conturbados e algo confusos do pós-25 de Abril? Do regresso a um status sócio/político/ económico algo semelhante ao anterior variando apenas os que dele se aproveitavam?

A linguagem usada é crua, dura, sem pudores, absolutamente adequada ao que nos quer transmitir. Porém, a narrativa está eivada de metáforas belíssimas, tornando o livro uma peça literária que só alguém com a mestria do autor poderia escrever.

E finalizo com o fim! É que este livro tem, na minha opinião, um final inesperado. Para mim, pelo menos, foi-o. E que final!

Não será um livro para dar início à leitura do autor. Mas é, seguramente, um fabuloso exemplar da sua obra.

CELESTE PEREIRA NASCEU A 19 DE JUNHO DE 1954 EM CHAVES, ONDE VIVEU ATÉ AOS 10 ANOS.
FOI ENTÃO QUE VEIO PARA O PORTO, ONDE ESTUDOU, TIRANDO O CURSO DO MAGISTÉRIO PRIMÁRIO NO CONTURBADO ANO DE 1974.
FEZ AINDA UMA BREVE INCURSÃO PELAS CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO COMO COMPLEMENTO NECESSÁRIO PARA O SEU EXERCÍCIO DOCENTE E UMA LICENCIATURA EM HISTÓRIA PARA PURO DELEITE PESSOAL.
ESTEVE, NA MAIOR PARTE DA SUA CARREIRA DE DOCENTE, LIGADA À GESTÃO ESCOLAR.

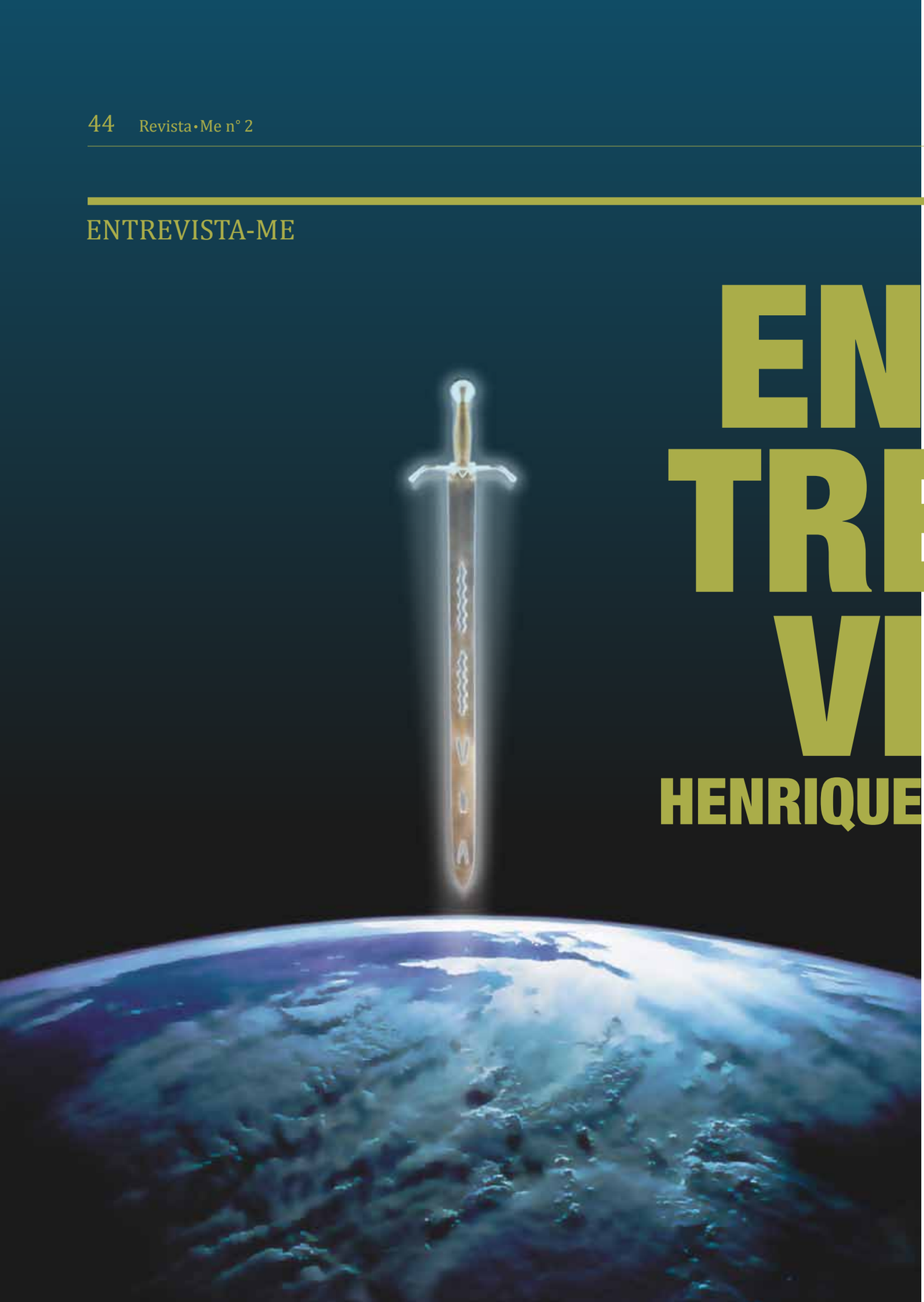
Obras publicadas pela EditaMe:

REVISTAME

ENTREVISTA-ME

CADA AUTOR É UM SER INDIVIDUAL. CONHECÊ-LO É TÃO IMPORTANTE COMO CONHECER AS SUAS OBRAS. EM CADA EDIÇÃO SERÁ ENTREVISTADO UM AUTOR, PARA UM POUCO DA PARTILHA DO SEU SER E DA SUA PRÓPRIA VISÃO SOBRE AS SUAS OBRAS.

ENTREVISTA-ME



ENTREVISTA

HENRIQUE NORMANDO

HENRIQUE NORMANDO, HOMEM VIVIDO COM VASTA CULTURA NO CAMPO DAS ARTES, PRIVOU COM ALGUNS GRANDES NOMES DA CULTURA NACIONAL DO SÉCULO XX.

POSSUIDOR DE UM ESPÍRITO NÓMADA, JÁ VIVEU EM DIVERSAS CIDADES DO NOSSO PAÍS, TENDO INCLUSIVE FIXADO RESIDÊNCIA DURANTE ALGUNS ANOS NA ILHA DA MADEIRA.

POETA DE CARACTERÍSTICAS ÍMPARES, TEM QUATRO OBRAS PUBLICADAS, TENDO INICIADO A PUBLICAÇÃO EM 2009. LANÇOU A SUA ÚLTIMA OBRA "O SONHO PERSISTENTE" NO DIA 12 DO CORRENTE MÊS.

ENTREVISTA-ME

Edita-Me: A publicação surge numa fase recente. A produção começou quando?

Henrique Normando: Escrevo poesia e contos desde a pré-adolescência. Claro que embora alimentasse o desejo de publicar, isso só aconteceu de forma dispersa em alguns jornais e revistas literárias. A convicção de publicar de forma desinibida, surgiu apenas na fase da maturidade plena quando adquiri a consciência de que tinha coisas para transmitir com verdadeiro interesse para serem lidas.

EDT: Privou com alguns nomes bastantes conhecidos do panorama literário nacional. Isso influenciou-o de alguma forma?

HN: Sem dúvida. Conheci pessoas admiráveis, como José Gomes Ferreira e Carlos de Oliveira, no campo das letras, tendo também privado com vários pintores e gravadores, designadamente, João Hogan, Maria Gabriel e Maria Beatriz. Curiosamente, estes últimos foram meus mestres na área da gravura.

A principal influência que me transmitiram derivou do admirável talento que possuíam e da coerência que sempre lhes reconheci.

EDT: A sua escrita (poesia) é peculiar, tem um estilo muito próprio e é de cariz mais social do que pessoal. Isso reflecte um certo pudor no que concerne à exposição pública?

HN: De modo algum. Não há qualquer pudor ou receio de me expor. Tenho uma poesia própria que não se apoia em nenhum autor em particular.

EDT: Na sua terceira obra publicada, *As Frustrações de Martinez*, criou uma personagem (Martinez) para expor aspectos mais intimistas. No entanto, não deixou ainda de abordar temas, digamos, "do foro comum". Foi uma tentativa de libertação não conseguida, ou os primeiros passos de uma exposição que terá um desenvolvimento futuro?

HN: Martinez é uma personagem que corresponde à parte obscura de Henrique Normando.

É um herói trágico que vai percorrer um caminho em busca de purificação. É uma criação de Henrique que confronta os seus anseios, frustrações e medos através da aventura literária, com um duplo clonado no seu subconsciente. É uma perigosa experiência de catarse. Martinez vai reaparecer em *O Regresso de Martinez*.

EDT: A referência a artistas de diversas áreas é uma constante nos seus escritos. Podemos considerar isso como parte integrante do seu estilo de escrita, ou fá-lo com algum propósito mais específico?

HN: São autores em diversas áreas, que fazem parte do meu mundo. Surgem-me naturalmente na fase de criação de uma obra poética. Passam a fazer parte dos poemas e isso dá-me grande prazer porque estão ali como elementos integrados e inspiradores.

EDT: As suas referências remontam maioritariamente aos clássicos. Tem referências contemporâneas?

HN: Nas citações de *O Sonho Persistente* faço referência a Don DeLillo, a Maria Gabriela Llansol e a Oscar Niemeyer. Há um poema nesse livro que destaca Saul Bellow e Philip Dick. Nas *Frustrações*, no *Gato* e nas *Esfinges*, há várias alusões e destaques a figuras contemporâneas.

EDT: Já viveu em diversas cidades do nosso país, incluindo as ilhas. Pensa que isso de alguma forma foi ou é determinante para o que produz?

HN: Completamente. Somos sempre o resultado do "eu" e das circunstâncias. De certa forma todas as nossas experiências nos influenciam, reflectindo-se no que produzimos.

EDT: A sua forma de escrita não é muito comum, mas possui características marcantes que o distinguem e o identificam de forma imediata. Sente-se um precursor de uma nova forma de fazer poesia?

HN: Não sei. Francamente nunca pensei nisso.

EDT: É um caso "curioso" de um autor, que escrevendo sob um pseudónimo, logo o revela de imediato na sua biografia, inclusa em todos as obras. Assim sendo, qual o propósito na utilização do pseudónimo?

HN: Sou fiel a este pseudónimo desde a adolescência. Não serve para me esconder, mas para revelar a minha identidade como escritor.

EDT: Lançou recentemente a obra *O Sonho Persistente*, uma obra que, pelo tema, foge um pouco do seu percurso. Qual foi o objectivo desta obra?

HN: Este livro é uma incursão no mundo dos sonhos do autor, ficcionados de forma poética, numa tentativa de aprofundar alguns códigos que estão, seguramente, nos sonhos de todos nós.

EDT: O que é para si um poeta e o que o distingue de um escritor de prosa?

HN: Ser Poeta... É ter fome, e ter sede de Infinito!
Por elmo, as manhãs de oiro e cetim…
É condensar o mundo num só grito! (de um soneto de Florbela)

Ser escritor: "não somente uma certa maneira especial de ver as coisas, senão também uma impossibilidade de as ver de qualquer outra maneira." - Carlos Drummond de Andrade

EDT: Tem algum ritual de escrita? Um local específico, uma caneta ou computador, hora do

dia ou da noite?

HN: Começo a escrever às 8H00 da manhã, actualmente em computador.

EDT: Quais os seus hábitos de leitura?

HN: Leio todos os dias, normalmente ao deitar-me.

EDT: Existem novos valores na literatura portuguesa, alguns deles ainda pouco conhecidos do grande público. Pode dar-nos um nome que na sua opinião deva ser procurado pelos nossos leitores?

HN: Gonçalo M. Tavares.

EDT: Sabendo-o consciente da realidade, qual o melhor acontecimento que poderia ocorrer com uma das suas obras?

HN: Ter reconhecimento por parte dos leitores, com uma boa divulgação.

EDT: Na sua opinião, o que falta para criar um maior interesse pela literatura (em qualquer uma das suas vertentes) nas camadas mais jovens?

HN: Acho que a família e a escola são fundamentais.

EDT: Uma última palavra para os novos autores?

HN: Se sentem vocação, não desistam.

HENRIQUE NORMANDO, PSEUDÓNIMO DE MANUEL H. MARTINS DE CAMPOS. DEPOIS DE UMA CARREIRA ACADÉMICA E PROFISSIONAL LIGADA À GESTÃO EMPRESARIAL, NUNCA PERDEU DE VISTA A SUA VOCAÇÃO LITERÁRIA E ARTÍSTICA, TENDO COLABORADO E RECEBIDO FORMAÇÃO NO CAMPO DAS ARTES, COM O MESTRE JOÃO HOGAN E MARIA GABRIEL.
NO PLANO LITERÁRIO COLABOROU COM ALGUNS JORNAIS E REVISTAS. EDITOU, TAMBÉM, ALGUNS LIVROS NO CAMPO DA POESIA.

Obras publicadas pela EditaMe:

REVISTA ME

DESCOBRE-ME

ESTA SECÇÃO DESTINA-SE A DIVULGAR AUTORES AINDA DESCONHECIDOS, POR NÃO PUBLICADOS, MAS DOS QUAIS GOSTEMOS DE LER O QUE PRODUZEM. EM CADA EDIÇÃO, UM AUTOR PUBLICADO POR NÓS, ESCOLHE E APRESENTA UM AUTOR A DESCOBRIR.

DESCOBRE-ME

VOZES DE UMA ESTRELA DISTANTE

ANA SOFIA PEREIRA

ANA SOFIA PEREIRA, UM NOME PARA UMA MULHER, ESTUDOU ARGUMENTO NA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO PORTO. EM CONJUNTO COM OUTROS 4 JOVENS, TEM UMA EMPRESA PRODUTORA DE AUDIOVISUAIS — CIMBALINO FILMES— QUE JÁ FEZ 4 ANOS, MUITOS TRABALHOS, OUTROS TANTOS PROJECTOS E ALGUNS PRÉMIOS. TRABALHADORA, METÓDICA, PACATA, SILENCIOSA, DIVERTIDA, DOTADA DE UM SARCASMO MUITO SAUDÁVEL, É UMA FILHA DO PORTO, DOS SEUS 28 ANOS, DA SUA GERAÇÃO.

Pulgarzinha, de Pulga, de Polegar, de inha, um nome para uma escritora (*[…] Não mais do que uma pulga/ ou talvez menos ainda.*), escondida, clara, dolorosa, sem rede para tanta emoção, para tanta letra. Os seus poemas, em verso ou em prosa, são reflexo de uma profunda solidão (*[..]Sou o parasita da solidão/ que a suga até ao tutano.// […]*), dessa solidão rígida em que os poetas se prendem, sem conseguirem romper alas a não ser pela voz do poema (*[…]Experimento os dedos das minhas mãos,/ testo os dedos dos meus pés,/ dobro os braços e as pernas./ Corto tudo o que já não serve./[…]*). O mundo que não se abre, o tropel que entope a garganta, o mundo virado do avesso (*inspirar bem fundo,/ engolir todo o mundo/ e deixá-lo ficar/ até um dia/ ser capaz de expirar.*), mas devagar, composta, firme, presente, com os olhos e o silêncio que a partem (*[..]E eu aqui, pequenina, de pés fincados no chão a gritar até que alguém me ouça, a esbracejar até que alguém me veja...// E daqui não saio. Daqui ninguém me tira.*).

Ana Sofia Pereira olha o mundo do lado de fora dele, do lado de dentro dela. A imagética remete-nos para a esfera de uma meninice que teima em perdurar, dentro de um crescimento doloroso a que se recusa, lembrando a personagem *Oskar Matzerath*, do filme *O Tambor* (1979, realização de Volker Schlöndorff, argumento de Günter Grass), que decide parar de crescer. Os poemas centram-se no corpo para se projectarem no espaço, na luz, nas estrelas, sempre uma realidade exterior em oposição à realidade interior. Versos curtos, melodiosos, absolutamente precisos e depurados, em que as palavras são a geometria do silêncio. A procura e a incerteza do que se quer dizer, do que se quer mostrar, a crua observação da incessante busca de se transcender, faz dos poemas questões e gestos que se encontram (*[…] no epicentro da mais caótica sinfonia do mundo.).*

Ana Sofia Pereira, Pulgarzinha, de Pulga, de Polegar, de inha.

(Vozes de uma Estrela Distante — http://uma-estrela-distante.blogspot.com)

Gostava de ter um caderno que lesse as palavras que giram na minha cabeça e as escrevesse no papel. Porque a minha mão tem vontade própria, a caneta escreve só o que quer, e aquilo que imagino, o que vive na minha cabeça, não fica escrito no papel. O que aqui fica é uma colaboração entre a minha cabeça, a minha mão e a tinta da caneta. Eu não escrevi isto assim, e nunca ninguém vai ler o que eu escrevi dentro de mim.

E de um momento para o outro, mudam-me. Sem pedir licença, pegam em mim e informam-me que já não sou assim, que já não posso ser assim, que já não devo ser assim. Já não és a última da linha, a sensível, a criativa, a sonhadora... agora sou mudança, original, inovadora, independente, excêntrica, imprevisível... Agora sou aquário... sem peixes.

DESCOBRE-ME

E por muito que os meus olhos estejam fechados,
estão abertos
à espera do próximo golpe.
Este já não me apanhará de surpresa,
de certeza...

e isso não fará a mais pequena diferença.

Sinto-me tão frágil aqui no meio de tanto ar, tanta terra, tanto mar, tanta gente, tanto respirar, tanto suor, tanto lutar, tantas lágrimas, tantos risos, tanto ir e voltar. E eu aqui, pequenina, de pés fincados no chão a gritar até que alguém me ouça, a esbracejar até que alguém me veja...
E daqui não saio. Daqui ninguém me tira.

Não mais do que o tamanho de uma pulga.
Não mais do que a coragem de uma pulga.
Não mais do que a força de uma pulga.
Não mais do que a vontade de uma pulga.

Sou o parasita da solidão
que a suga até ao tutano.

Não mais do que uma pulga
ou talvez menos ainda.

Há tanto para ver aqui que as palavras atrasam-se a chegar e, quando chegam, já eu cá não estou. Fica apenas este espaço em branco, nem eu que já não estou, nem as minhas palavras que não chegaram a ser. E descubro, não sem surpresa, que onde finalmente me encontro é onde nunca estive, onde as minhas palavras não chegaram, na descoberta de mim no epicentro da mais caótica sinfonia do mundo.

Que sorriso foi esse
que estranhaste nos meus lábios?
Todos os dias ponho um diferente
e ensaio um novo olhar.
Experimento os dedos das minhas mãos,
testo os dedos dos meus pés,
dobro os braços e as pernas.
Corto tudo o que já não serve.
Reinvento-me,
reencontro-me
e já não sou eu...
Mas aquele sorriso,
o tal que tu estranhaste,
esse,
esse, já é o meu!

Intervalo do Meu Mundo
inspirar bem fundo,
engolir todo o mundo
e deixá-lo ficar
até um dia
ser capaz de expirar.

REVISTA•ME

AVENTURA-ME

COMO NÃO PODIA DEIXAR DE SER, TERIA DE EXISTIR UMA ÁREA INFANTIL NA NOSSA REVISTA. PEDRO BRANCO (PROFESSOR DO ENSINO BÁSICO) TOMA AS RÉDEAS DESTA SECÇÃO, COM UMA PROPOSTA TRIPARTIDA, ENVOLVENDO CRIANÇAS (ALUNOS), PAIS E PROFESSORES. ESTA ÁREA SERÁ AINDA COMPLEMENTADA COM CONTOS PRODUZIDOS POR OUTROS AUTORES.

AVENTURA-ME • CRIANÇAS

“PODE UM CONTADOR DE HISTÓRIAS FICAR CALADO?”

ESTA SERIA A PERGUNTA NATURAL, DEPOIS DE NO PRIMEIRO NÚMERO TERMOS LANÇADO O DESAFIO AOS MENINOS E ÀS MENINAS. E A RESPOSTA NÃO PODIA SER MAIS DIRETA: NÃO!!! POR ISSO, ENQUANTO ESPERAMOS AS POSSÍVEIS HISTÓRIAS, DEIXO-VOS A MINHA — A QUE O CONTADOR DE HISTÓRIAS ME CONTOU UMA NOITE, QUANDO SEM SABER COMO (ACHO QUE FOI DENTRO DO MEU SONHO), FUI PARAR A SUA CASA!

POR PEDRO BRANCO

Um dia ao acordar, o pequeno príncipe disse: “Serei feliz”. O sol brilhava, a floresta estava serena nos seus sons e movimentos, as histórias sempre mágicas... E fez-se à estrada.

Chegou a uma pequena aldeia, onde as crianças brincavam na rua, umas descalças, outras meio sujas, mas todas com a alegria na voz e no olhar.

— Quem és tu? — Perguntou-lhe um menino.

— Sou um príncipe.

— E que vens aqui fazer?

— Procuro a felicidade.

— Aqui?!!! Não podes. Tens palácios e riquezas. A mesa sempre cheia e a roupa lavada. Neste lugar não existe nada disso. O melhor é voltares para trás.

E o príncipe virou as costas e, meio a medo, fez-se de novo à estrada.

Chegou a uma vila. Bonita. Que tinha um rio que passava bem no meio, onde tomavam banho, alegremente, meninos e meninas, que se deixavam ir na corrente, abaixo e acima.

— Quem és tu? — Perguntou-lhe um menino.

— Sou um príncipe.

— E que vens aqui fazer?

— Procuro a felicidade.

— Aqui?!!! Não podes. Nos teus palácios tens sempre os médicos que precisas. Os melhores cozinheiros.

Músicos... Neste lugar não existe nada disso. O melhor é voltares para trás.

E o príncipe virou as costas e, ainda mais a medo, de novo se fez à estrada.

Chegou a uma cidade. Grande. Cheia de igrejas e enormes casas. Mas onde havia também barracas e sujidade. E lojas. Muitas lojas... Só que as ruas estavam desertas!

— Onde estarão todos? — Perguntou-se o príncipe.

Nisto, de repente, aparece uma rapariga, desdentada e sorridente:

— Foram-se todos embora. Disseram que iam à procura da felicidade. Só fiquei eu...

E desapareceu por entre uma fila de carros parados no meio da grande avenida deserta.

O príncipe olhou em volta. Silêncio. Um vazio no que outrora deveria de certeza ter sido uma cidade bem movimentada e animada.

“Porque será que as pessoas pensam que a felicidade se procura noutro sítio?”

Dito isto, sem medo nenhum, regressou ao seu palácio e foi feliz. Para sempre.

AVENTURA-ME • PROFESSORES

APRENDER A ESCREVER, ESCREVENDO PARA COMUNICAR!

Um dia pediram-me que falasse com os professores sobre a escrita. E disse-lhes a minha primeira crença: só se aprende a escrever, escrevendo. Como só se aprende a andar, andando. Ou a falar, falando.

Curiosamente, algumas vozes se levantaram relativamente aos chamados "métodos" de ensinar a ler e a escrever…

Sem querer entrar num assunto polémico — porque a aprendizagem da escrita e da leitura é um assunto polémico — posso dizer-vos que na minha escola os alunos aprendem a escrever, escrevendo!

E escrevem os seus textos. Os que têm já dentro deles e aos quais damos espaço… Todas as manhãs, quem tiver alguma coisa a contar aos outros, pode fazê-lo, num espaço de comunicação que existe sempre na turma.

Depois de um aluno dizer o que tem a dizer, pergunto: "E agora, como é que ponho isso por escrito?", ou "Como é que podemos contar isso por escrito?", ou… Começa a passar a mensagem de que o que dizemos se pode escrever. E que a maneira de "contar uma história" (seja ela real ou fantástica) oralmente é bem diferente da forma como o fazemos por escrito. Desta forma, passo para uma folha A3 o texto que a criança me dita. Depois, cada um vai copiar o seu texto.

À medida que o tempo vai passando, com outro tipo de trabalhos de escrita e leitura, cada um vai ficando com cada vez mais conhecimentos para ir escrevendo (arriscar) de forma autónoma. Então, esses textos que vou escrevendo começam a não estar completos, tendo umas lacunas em palavras negociadas por nós. Por exemplo:

"Eu ontem fui ao parque com o meu pai.", disse-me o Vasco.

E eu escrevi:

" ___ ontem ___ ao parque com o ___ _____ ."

"Mas a palavra 'ontem' está no texto da Maria! E não sei escrever 'fui'", disse o Vasco.

Então perguntei-lhe se não queria tentar escrever a palavra "fui" e refiz o que escrevi:

"___ _____ ___ ao parque com o ___ _____ ."

A pouco e pouco, entre os modelos de outros textos e a capacidade de arriscar, cada um vai ficando mais autónomo na escrita, conquistando o mundo dos crescidos!

Regresso ao início deste pequeno relato: só se aprende a escrever escrevendo. Como só se aprende a andar, andando. Ou a falar, falando.

Por isso, colegas professores, arrisquem deixar as crianças escrever mesmo que não conheçam as letras; arrisquem deixar as crianças copiar, acreditando que é assim que se aprende também; nunca julguem que as crianças não sabem nada sobre a escrita quando entram na escola; arrisquem ajudar as crianças nesta magia que é agarrar a escrita e a comunicação!

POR PEDRO BRANCO

AVENTURA-ME • PAIS

A CAPACIDADE DE IR MAIS ALÉM…

POR PEDRO BRANCO

O filho da minha amiga Susana chama-se Ricardo e um dia fez 5 anos. A sua grande paixão era (e ainda é) o Indiana Jones, cumplicidade que comparte com o pai.

Este episódio foi-me relatado por ela. E eu conto-o, mesmo correndo o risco de lhe acrescentar alguns pontos. Mas como *quem conta um conto acrescenta um ponto*… seguramente a minha amiga Susana me perdoará.

No dia do aniversário do Ricardo, a família foi ao teatro. Como chegaram um pouco cedo, dirigiram-se ao bar. Entretanto, a Susana tinha pedido ao empregado, sem que o Ricardo se apercebesse, que lhe entregasse uma carta.

— Chamas-te Ricardo? — Perguntou o empregado ao rapaz, que se mostrou surpreendido.

— Sim. — Respondeu, meio a medo, meio ansioso.

— Deixaram-me esta carta para ti. — Disse o empregado, entregando-lhe a carta que a minha amiga Susana lhe tinha dado.

O rapaz, ainda de boca aberta e de olhos abertos, olha para a mãe e, entregando-lhe a carta, diz-lhe… quer dizer… ordena:

— Lê!

A minha amiga Susana abriu a carta e leu:

"Amigo Ricardo,
Sei que és um bom menino, que gostas muito de brincar, mas também de trabalhar na escola.
Ouvi dizer que gostas muito de mim e das minhas aventuras.
Escrevo-te para te dizer que tenho um chapéu e um chicote para ti, porque sei que fazes anos hoje.
Por isso, vai procurá-los junto ao misterioso canteiro das flores coloridas deste templo.
Um abraço,

Indiana Jones"

Escusado será dizer que o Ricardo nem cabia em si de contente, sobretudo quando percebeu que havia mesmo um canteiro com flores coloridas e que estavam lá mesmo um chapéu e um chicote para ele!

O que aconteceu com a minha amiga Susana e com o seu filho Ricardo, que nunca mais esqueceu este episódio e hoje, 3 anos depois, ainda fala nele, foi que de repente, o mundo real, rotineiro, concreto, palpável… em que vivemos, se transformou num mundo de fantasia, de arrancar sorrisos, de deixar a imaginação voar!

Podemos nós, pais e mães, que tanto temos dentro de nós, proporcionar aos nossos filhos momentos como este, de fantasia, de arrancar sorrisos, de deixar a imaginação voar?

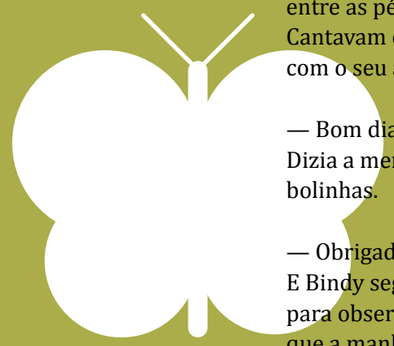
PEDRO BRANCO NASCEU EM PARIS EM 1965.
PROFESSOR DO 1º CICLO, DESENVOLVE TAMBÉM A SUA ACTIVIDADE NO CAMPO DA MÚSICA, TEATRO E POESIA.

Obras publicadas pela EditaMe:

AVENTURA-ME • CONTOS

BINDY
A BORBOLETA VAIDOSA

POR CARLA MARQUES



Bindy a borboleta vaidosa
dançava no seu vestido cor-de-rosa.
Olhavam as flores admiradas
entre as pétalas vivas e coloridas.
Cantavam os pássaros melodias de encantar
com o seu alegre chilrear!

— Bom dia Bindy! Estás muito bonita hoje.
Dizia a menina girafa do alto das suas pernas às bolinhas.

— Obrigada Pintinhas. És muito simpática!
E Bindy seguia o seu caminho parando aqui e ali
para observar a sua beleza, nas gotas de orvalho
que a manhã deixou no campo.

— Senhor malmequer, preciso de um pouco do
seu pó amarelo para dar brilho às minhas asas!
Com uma leve sacudidela o malmequer deixou
cair um pó brilhante nas asas da borboleta
vaidosa.

Durante todo o dia nada mais fazia
olhava para si e logo de admiração sorria.
Não era má a Bindy pequenina
queria só ser a mais bela menina,
por isso dos outros se esquecia
...e assim passava dia após dia!

Numa tarde de Inverno em que o sol se escondeu
Esqueceu tudo o que aprendeu.
Quando saiu para a sua beleza passear
uma tempestade chegou para a assustar.
Batia as asas para da chuva fugir
mas do sítio não conseguia sair.
Tombou na terra fria e molhada
com medo e muito cansada.

Chegou brilhante na noite escura
a fada vinda na melhor altura.
Nos bons e maus momentos
as borboletas livrava de apuros.
Com o seu sopro mágico
evitou um fim triste e trágico.
Com carinho, para casa a Bindy levou
e esta nunca mais os conselhos ignorou.

CARLA MARQUES NASCEU EM LUANDA, ANGOLA, A 22 DE NOVEMBRO DE 1966. LICENCIADA EM DIREITO PELA UNIVERSIDADE PORTUCALENSE E COM BACHARELATO EM COMUNICAÇÃO SOCIAL, PELA ESCOLA SUPERIOR DE JORNALISMO, SENTIU DESDE SEMPRE NECESSIDADE DE DAR UMA VIDA ÚNICA ÀS PALAVRAS QUE LHE IAM SURGINDO.
EDITORA NO JORNAL O PRIMEIRO DE JANEIRO DESENVOLVEU, TAMBÉM, OUTRAS FUNÇÕES NO ÂMBITO DA COMUNICAÇÃO SOCIAL.

Obras publicadas pela EditaMe:

AVENTURA-ME • CONTOS

A CAIXA ESTÁ VAZIA

A caixa encontra-se vazia
Sim, a redonda e amarela
Quem teve tamanha ousadia
Que até deixou sua tampa aberta?
Sempre no centro da sala pousada
Ela ali permaneceu anos seguidos
Só agora é que é comentada
Chegou a notícia aos nossos ouvidos
Muitos foram os dias sempre apressados
Eu, tu e nós, que por ela passámos
E agora ficamos todos pasmados
Pois a vimos, mas não observámos
No ar pairava a curiosidade
Decidiu-se marcar uma reunião
Tanta era a nossa ansiedade
Folhetos voaram de mão em mão
Vieram pessoas de longe e de perto
A sala era pequena para tanta gente
Avós, tios, pais, filhos e o neto
Em comum uma questão premente
No silêncio uma voz perguntou
O que é que continha a caixa?
O neto seu pequeno dedo levantou
E depois falou na sua voz baixa
Era importante o que estava lá dentro
Por vós há muito esquecido e até ignorado
Eu quero viver intensamente cada momento
Roubei-vos os Sonhos que tinham sonhado

SARA MAIA PRATA NASCEU EM 1964 NA CIDADE DO PORTO. DESDE A ADOLESCÊNCIA QUE FOI DESENVOLVENDO O GOSTO PELA LEITURA E ALIMENTOU O DESEJO DE UM DIA ESCREVER UM ROMANCE. APÓS O CASAMENTO E COM DOIS FILHOS RAPAZES, DECIDIU ESCREVER EM 2010 O SEU PRIMEIRO LIVRO DE CONTOS INFANTIS, PUBLICADO PELA EDITA-ME.

Obras publicadas pela EditaMe:

REVISTA ME

ILUSTRA-ME

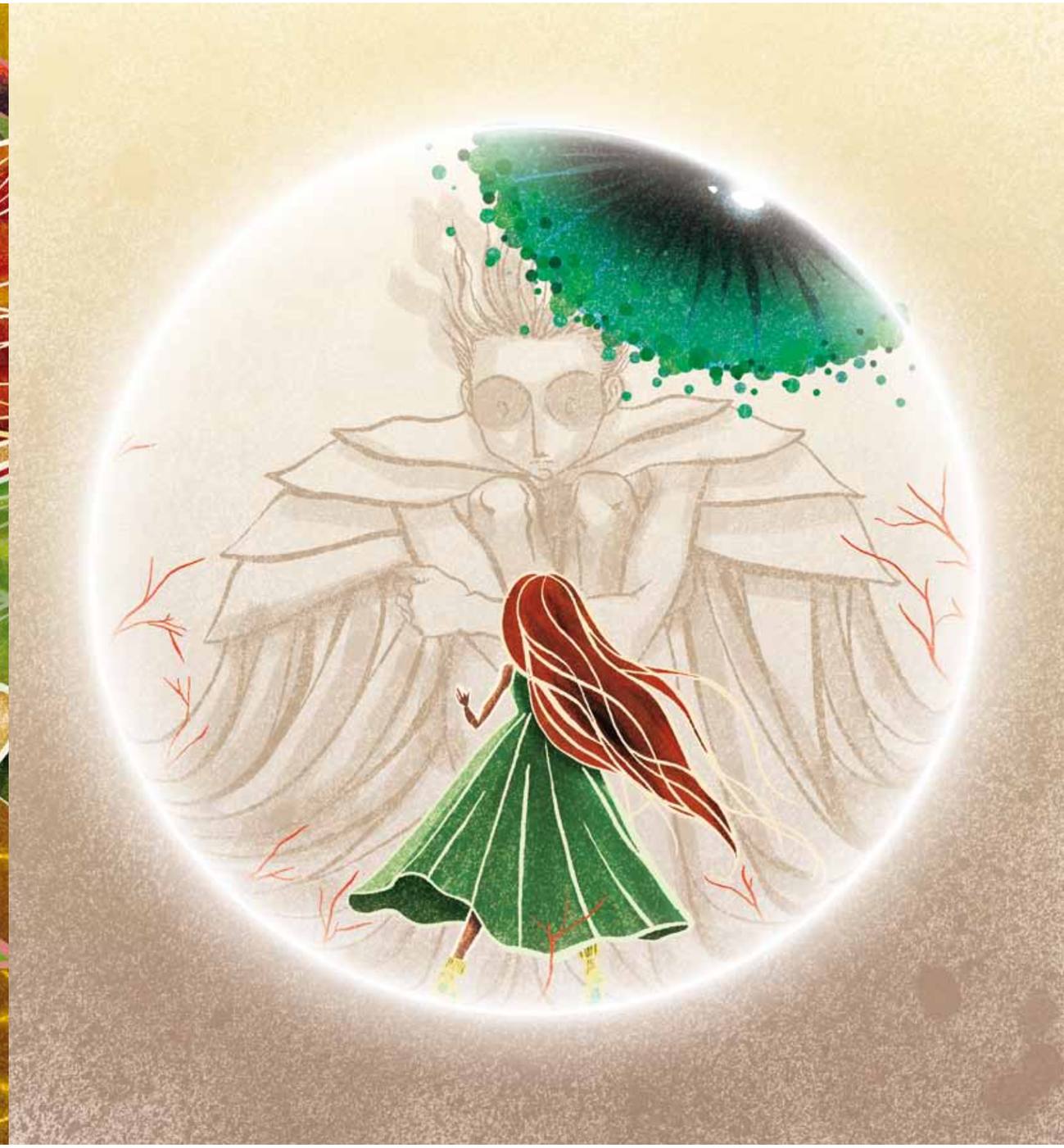
VÁRIAS OBRAS NOSSAS SÃO ILUSTRADAS. NESTA ÁREA SÃO APRESENTADAS, PELA MÃO DE MIGUEL MINISTRO, ILUSTRAÇÕES QUE POVOAM OS NOSSOS LIVROS.

ILUSTRA-ME

ILUSTRAÇÕES

POR MIGUEL MINISTRO

ILUSTRA-ME



ILUSTRA-ME

AS ILUSTRAÇÕES PRESENTES NESTA SECÇÃO REPRESENTAM UMA SELECÇÃO RECOLHIDA DO LIVRO **TERRA DE ONTEM** DE CARLA MARQUES E MIGUEL MINISTRO, PUBLICADO PELA EDITA-ME.

MIGUEL MINISTRO NASCEU EM LISBOA NO ANO DE 1985.
É LICENCIADO EM DESIGN DE COMUNICAÇÃO PELA ESAD DE MATOSINHOS.
COLABORA COM A EDITA-ME COMO ILUSTRADOR E DESIGNER.

Obras publicadas pela EditaMe:

REVISTA ME

CONVIDA-ME

SENDO ESTA REVISTA DE CONTEÚDOS EXCLUSIVOS DE AUTORES E COLABORADORES DA EDITA-ME, ENTENDEMOS COMO IMPORTANTE DAR VOZ A UM “OUTSIDER”. ASSIM, EM CADA EDIÇÃO, SERÁ FORMULADO UM CONVITE A ALGUÉM QUE, NÃO TENDO SIDO EDITADO PELA EDITA-ME, SEJA DE RECONHECIDO VALOR PARA NÓS.

CONVIDA-ME

O NOVO ACORDO ORTOGRÁFICO: AMBROSIO, REVEJA-ME OS TEXTOS!

POR ANA SALGADO

O NOVO ACORDO ORTOGRÁFICO É UMA REALIDADE E ESTÁ GRADUALMENTE A SER INTRODUZIDO EM VÁRIOS SETORES. DE NADA NOS VALE ENTRAR EM DRAMATISMOS. BOAS NOTÍCIAS! HÁ POR AÍ UNS *AMBRÓSIOS*, MESMO À MÃO, À NOSSA INTEIRA DISPOSIÇÃO!

O acordo ortográfico para unificar a ortografia da língua portuguesa nos países lusófonos já se encontra em vigor, na ordem jurídica interna, desde o dia 13 de maio de 2009 (ver Aviso n.º 255/2010 do Ministério dos Negócios Estrangeiros, publicado no Diário da República, n.º 182, 1.ª série, de 17 de setembro de 2010). A ortografia da língua portuguesa passa a ter uma norma única em todo o espaço lusófono, mas isso significará uma escrita igual para todos? Pois bem, a unificação da ortografia não se traduz numa escrita única: as diferenças ortográficas da tradição lexicográfica entre a norma do português europeu e do português do Brasil (*connosco* e *conosco*) e as divergências no interior dos próprios países ou comunidades (*fino-imperial*, *café-bica*) irão permanecer, uma vez que o texto oficial não faz referência a estes casos. Os portugueses discutem o "TGV", "apanham o autocarro", vão ao "talho" e comem "beringelas"; os brasileiros discutiriam o "trem-bala", "pegam o ônibus", vão ao "açougue" e comem "berinjelas". Também a diferença de pronúncia de alguns vocábulos nas duas normas, ou mesmo no interior de uma delas, origina numerosos casos de grafias duplas: nós, portugueses, passaremos a escrever "excecional" sem "p", mas os brasileiros continuarão a grafar esta consoante. Apenas a forma como escrevemos certas palavras é alterada. A presente reforma não interfere noutros planos da língua (orais e gramaticais).

Resta contudo dizer que se as diferenças ortográficas não são totalmente eliminadas, um dos objetivos deste acordo é alcançado, na medida em que se observa uma redução das diferenças ortográficas que existiam entre as duas normas oficiais da língua portuguesa.

CONVIDA-ME

Os olhos do leitor, habituados à ortografia vigente até agora, irão estranhar certamente as novas grafias. Garanto-lhe, estimado leitor, que tudo não passará de uma questão de hábito. Quer tenhamos ou não simpatia por esta reforma em particular, a verdade é que regras são regras, e não temos alternativa possível a não ser conhecê-las e aplicá-las. Há que atualizar a escrita!

A resistência à mudança não é de agora. O tema da ortografia da língua portuguesa foi sempre um assunto controverso e, de certa forma, apaixonado. Afinal "a nossa pátria é a língua portuguesa", a língua é algo que nos é intrínseco, faz parte do nosso património. Umas mais que outras, mas todas as reformas ortográficas encontraram algum tipo de resistência.

Desde a primeira grande reforma ortográfica de 1911, a língua portuguesa tem sido objeto de vários (des)acordos, numa tentativa de criação de uma norma ortográfica única para os países de expressão portuguesa. De uma dessas tentativas resultou o Acordo Ortográfico de 1945, ou mais propriamente a Convenção Ortográfica Luso-Brasileira, não ratificada pelo Brasil e que, salvo pequenas alterações em 1973, originou as Bases Analíticas do Acordo de 1945, documento que tem ditado até agora a forma correta de grafarmos as palavras. Uma outra tentativa foi o projeto de 1986, que tendo provocado uma conhecida e acesa discussão nacional por ser demasiado drástico (propunha a supressão geral dos acentos nas palavras esdrúxulas e graves), acabou por ser rejeitado. O acordo ortográfico que está hoje na agenda mediática foi assinado em 1990 por representantes de Portugal, Brasil, Angola, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique, São Tomé e Príncipe e, posteriormente, por Timor-Leste, contando ainda com a adesão da delegação de observadores da Galiza. Ao longo destes anos, houve ainda a celebração de dois protocolos modificativos, o último dos quais estipulava que o Acordo poderia entrar em vigor quando três países o ratificassem. Também este novo Acordo Ortográfico encontra opositores e resistências. Ouvem-se vozes: "Estaremos nós a ser colonizados pelo Brasil?" "Para que serve afinal?". O novo Acordo Ortográfico visa reforçar o papel e o prestígio da língua portuguesa enquanto língua de comunicação internacional e garantir uma maior harmonização ortográfica entre os vários países cuja língua oficial é o português.

Tendo como referência a base lexical da Porto Editora, num universo de 200 000 unidades, 8710 são afetadas pelo acordo, isto é, a percentagem de palavras cuja ortografia é alterada não ultrapassa os 2%. No ponto 4 da Nota Explicativa do documento oficial, refere-se que a eliminação das consoantes mudas é uma alteração pouco significativa em termos quantitativos uma vez que as palavras em questão representam 0,54% do vocabulário geral da língua; no entanto, o que justifica o forte impacto desta alteração gráfica é o índice de frequência bastante elevado (palavras usadas diariamente como: *atual, correção, diretor, eletricidade, fatura, letivo, ótimo, projeto, etc.*). O número de palavras abrangidas pela dupla grafia que, segundo a mesma Nota Explicativa, é cerca de 0,5% do vocabulário geral de língua, também se revela um número pouco significativo e com alguns vocábulos de uso muito frequente.

O que é verdadeiramente do interesse do prezado leitor e o que importa agora é conhecer as novas regras ortográficas e saber o que de facto sofre alteração.

O que muda com o novo Acordo Ortográfico?
Novas letras, maiúsculas e minúsculas, acentos, consoantes, hífenes…

O alfabeto passa a ser composto por 26 letras com a introdução oficial de mais 3 letras: o k (capa), o w (dâblio ou duplo vê) e o y (ípsilon ou i grego). Mais que uma alteração é uma oficialização de uma prática já corrente, dado que estas letras continuarão apenas a ser usadas em casos especiais: em nomes de pessoas ou de localidades estrangeiras e seus derivados (*Darwin-darwiniano, Washington-washingtoniano*), siglas (WC), símbolos (N) e unidades de medida usadas internacionalmente (kg), e em palavras de origem africana e estrangeira (*kwanza, yoga*).

O novo Acordo Ortográfico sistematiza o emprego das minúsculas iniciais e propõe o emprego opcional de maiúscula ou minúscula em início de palavra em vários casos. Tal como já acontecia com os dias da semana, passam a escrever-se com minúscula: os meses (*julho*) e estações do ano (*verão*), os pontos cardeais ou colaterais (*norte, sul, este*…), exceto quando designam regiões (O Norte *é a minha terra*) ou nos correspondentes símbolos (N, S, E…), e as designações usadas para mencionar alguém cujo nome se desconhece ou não se pretende mencionar (*fulano, sicrano, beltrano*). Passa a ser opcional grafar com maiúscula ou minúscula as disciplinas escolares e domínios do saber (*matemática* ou *Matemática*), os nomes de vias, lugares públicos, templos ou edifícios (*igreja do Bonfim* ou *Igreja do Bonfim*), as formas de tratamento ou expressões que exprimam reverência, hierarquia ou cortesia (*Senhor Doutor* ou *senhor doutor*) e os títulos dos livros, exceto o primeiro elemento e os nomes próprios neles existentes (*Memorial do Convento* ou *Memorial do convento*).

Um ponto muito polémico deste novo Acordo Ortográfico é o da supressão de **acentos gráficos em palavras graves**. Suprime-se obrigatoriamente o acento no ditongo "ói" de palavras graves (*boia, joia*). Vale a pena lembrar que atualmente já não se acentuam palavras semelhantes como *comboio ou dezoito* (reforço que é tudo uma questão de hábito!). Também deixam de ser acentuadas as formas verbais que terminam em *-êem* (*creem, deem, leem, veem*). É eliminado o acento na vogal *u* em terminações verbais *gue(s), que(s), gui(s) e*

CONVIDA-ME

qui(s) que ainda o tinham (averigue, oblique, arguis, delinquis). Algumas palavras graves que tinham acento agudo (‘) ou circunflexo (^) para as distinguir de palavras homógrafas (ou seja, palavras que se escrevem do mesmo modo, mas que têm pronúncia, significados e funções diferentes) deixam de ser acentuadas, como *pára* ou *pêlo* (não se distinguindo de *para* e *pelo*, preposições). Repare nestas curiosas frases “para para pensar” e “passar a mão pelo pelo”. Apenas o contexto irá permitir descodificar a qual dos termos nos estamos a referir. Apesar de ser ditada a eliminação geral dos acentos em pares homógrafos, há duas formas do verbo *pôr* que mantêm o acento circunflexo. É o caso do infinitivo verbal *pôr*, cujo acento será mantido para distinguir da preposição *por*, e também da forma *pôde* (pretérito perfeito) para distinguir de *pode* (presente). Há também alterações que são facultativas, como a acentuação opcional de formas verbais terminadas em *-ámos* (*amámos* ou *amamos*), da forma verbal *dêmos* ou *demos* e do nome *forma* ou *fôrma* (com sentido de recipiente ou molde). Nestes últimos casos apresentados, recomenda-se seguir a tradição e não proceder a qualquer alteração.

A supressão das **consoantes mudas** (ou não articuladas) é a alteração que maior desconforto provoca às pessoas, habituadas a associar ao significado da palavra a imagem acústica da sua pronúncia e a imagem gráfica da sua forma escrita. À semelhança do que já acontecia na norma gráfica brasileira, esta regra passa a aplicar-se também em Portugal. O registo escrito destas consoantes que, na maior parte dos casos, se deve a razões de natureza etimológica, é relegado para segundo plano e valoriza-se o fundamento fonético (ou da pronúncia) de forma a resolver algumas das diferenças ortográficas existentes nas duas ortografias oficiais e a facilitar a aprendizagem da grafia das palavras. As principais resistências dos falantes a estas alterações estão relacionadas não tanto com a perceção etimológica das palavras, mas com a memória visual, as grafias estão como que impressas na nossa mente devido a um processo de memorização gráfica durante a aprendizagem repetida na escrita diária. Com o intuito de alcançar uma ortografia simplificada, as consoantes etimológicas c e p não articuladas são eliminadas (*projecto* passa a *projeto*, *excepcional* passa a *excecional*). No entanto, e nos casos em que essas consoantes são proferidas, continuarão a ser grafadas (*ficção, egípcio, opção, pacto*). Ficará a dupla grafia nos casos em que há oscilação de pronúncia, como em *facto* e *fato*, para satisfazer os que pronunciam a consoante, neste caso os portugueses, e os brasileiros que não a pronunciam. Existem ainda casos de variação dentro do mesmo espaço geográfico, o que faz com que passem a ser aceites duas formas (*acupunctura* ou *acupuntura, característica* ou *caraterística, sector* ou *setor*). O acordo legitima as grafias duplas quando correspondem a pronúncias diferentes na “norma culta” (atestada em dicionários com transcrição fonética e vocabulários com indicações ortoépicas). Lembre-se sempre do critério a seguir: se pronuncio a consoante, então devo escrevê-la! A supressão sistemática destas consoantes, além de aumentar significativamente o número de casos de grafias duplas na língua, vem aumentar exponencialmente o número das situações de homografia criando uma maior ambiguidade nas sequências a reconhecer e, consequentemente, tornando mais lento o processamento da informação no ato de leitura, como nos pares *acto (> ato) - ato, óptico (> ótico) - ótico* e, por fim, vem ampliar o número de “incongruências gráficas”, isto é, unidades gráficas que possuem um parentesco lexical com outras perdem a relação ortográfica entre si, por exemplo *Egipto*, segundo a nova ortografia grafado *Egito*, a par de *egípcio*. Estamos perante situações com as quais já estamos familiarizados (pode não existir a referida memória etimológica, mas lembremo-nos de formas provenientes do mesmo étimo latino como *captura* e *cativo* em que este último vocábulo há muito perdeu o *p*). É certo que há um aumento do número de ocorrências, mas não são propriamente novidades no sistema ortográfico português.

O novo Acordo Ortográfico reformula as regras do uso do **hífen** (vulgarmente conhecido por *tracinho*) numa tentativa de clarificação e simplificação das convenções anteriormente estabelecidas. O hífen é eliminado na maioria das locuções (*fim de semana*), e mantém-se nas formas consagradas pelo uso (*água-de-colónia, arco-da-velha, cor-de-rosa, mais-que-perfeito, pé-de-meia*). É também suprimido nas formações em que o prefixo termina em vogal e o elemento seguinte começa por vogal diferente (*autoestrada, extraescolar*) ou por r ou s (*antirrugas, ultrassom*). O hífen deve ser usado sempre que o prefixo termina com a vogal que inicia o elemento seguinte (*infra-axilar, micro-ondas*), exceto no caso do prefixo *co-* (*coorrência*). Mantém-se ainda nos compostos que designam espécies botânicas ou zoológicas (*couve-flor, estrela-do-mar*) e suprime-se nas formas do verbo *haver* quando ligadas à preposição de (*hei de, hás de, há de, hão de*).

No que diz respeito à **translineação**, passa a ser obrigatório (antes era opcional) repetir o hífen na linha seguinte nos casos em que a partição no final de linha se faz onde há um hífen: *extra-/-escolar.*

Como esclarecimento final, refira-se que o uso da **letra *h*** em início de palavra não sofre qualquer alteração. Esta letra é usada por razões etimológicas (*hoje, húmido*) e não se emprega quando a sua escrita sem *h* já se encontra consagrada pelo uso (*desumano < des-+humano*).

Também a norma brasileira do português sofre algumas alterações exclusivas, mas para os leitores da *Revista-Me* interessa especialmente

CONVIDA-ME

focar o que altera no território nacional. Convém apenas referir que existem palavras que continuarão a grafar-se de forma diferente, sendo ambas corretas (quer no Brasil quer em Portugal), dependendo da forma como cada pessoa pronunciar esses vocábulos. É o caso da dupla acentuação legitimada por este acordo, que coloca lado a lado grafias como *bebé* e *bebê, anatómico* e *anatômico, ténis e tênis*. Em Portugal será adotada a grafia correspondente à variante portuguesa, isto é, a forma com acento agudo.

O presente acordo provoca um forte impacto no mercado editorial, implicando a revisão de produtos já existentes e a adoção das novas regras na edição de novos. Estas operações traduzem-se em custos elevados e é assim que surgem os "Ambrósios"! Editores, autores, profissionais e o público em geral têm à sua disposição recursos diversos, em papel ou informáticos, que permitem uma rápida adaptação e facilitam a aplicação das novas normas ortográficas. Os conversores ortográficos são os mais importantes pois fazem as adaptações necessárias de forma simples e permitindo a conversão de textos de grande dimensão em muito pouco tempo. No mercado português, já existem três conversores ortográficos: o Lince (oficializado pelo Governo português), o conversor da Priberam e o Conversor Ortográfico da Porto Editora (conversor de palavras e de ficheiros). Estas ferramentas convertem as palavras, os seus textos, em poucos segundos, tão fácil quanto: "Ambrósio, agora reveja-me os textos!".

Com a preocupação de informar e sensibilizar os falantes para as alterações ortográficas já se encontram também publicados vários auxiliares, como prontuários, guias práticos, vocabulários, dicionários, foram desenvolvidos vários outros serviços, como vídeos explicativos sobre as mudanças nas regras de escrita e disponibilizados outros conteúdos com informação histórica e jurídica sobre esta questão.

Em Portugal foi estabelecido um período de seis anos para a transição definitiva para a nova ortografia. Este período iniciado com a entrada em vigor do novo Acordo Ortográfico, terminará em 2015, ano em que o acordo deverá estar completamente implementado e as novas normas ortográficas deverão ser aplicadas por qualquer escrevente de português em todas as situações. Podemos, é certo, continuar a escrever como aprendemos, não há qualquer consequência legal, no entanto, e com a adoção da nova ortografia pela maior parte dos órgãos da comunicação social (onde já está a ser gradualmente introduzida), no sistema educativo já a partir do próximo mês de setembro e, em janeiro de 2012, em todos os demais serviços, organismos e publicações do Estado português, temos de reconhecer que é importante a aprendizagem da nova ortografia seja por motivos sociais ou profissionais. Se não escrevermos segundo as novas regras, os nossos textos passarão a ter erros ortográficos, tal como hoje se escrevêssemos algo segundo as regras anteriores ao acordo que vigorou até há bem pouco tempo. Todos sabemos o quanto a competência linguística é importante para o êxito e carreira profissionais, por isso, *para para refletir!*

NOTA: O presente texto foi inicialmente escrito segundo a ortografia de 1945 e foi submetido ao Conversor do Acordo Ortográfico da Porto Editora: foram convertidas 31 palavras de um total de 2514 palavras analisadas.

ANA SALGADO NASCEU EM 1978 NA CIDADE DO PORTO.
É LICENCIADA EM LÍNGUAS E LITERATURAS MODERNAS, VARIANTE DE ESTUDOS PORTUGUESES, RAMO CIENTÍFICO, PELA FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DO PORTO. DESDE 2002, TRABALHA NO DEPARTAMENTO DE DICIONÁRIOS DA PORTO EDITORA, ONDE EXERCE AS FUNÇÕES DE COORDENADORA, REDATORA E REVISORA. TEM DEDICADO A SUA CARREIRA AO ESTUDO DA LÍNGUA PORTUGUESA, COLABORANDO EM VÁRIOS PROJETOS DE EDIÇÃO E DE PROCESSAMENTO DE LINGUAGEM NATURAL. NESTE ÂMBITO, COORDENOU A EDIÇÃO DO *VOCABULÁRIO ORTOGRÁFICO DA LÍNGUA PORTUGUESA*, SOB A ORIENTAÇÃO CIENTÍFICA DO PROFESSOR JOÃO MALACA CASTELEIRO, BEM COMO AS ÚLTIMAS EDIÇÕES DO *DICIONÁRIO EDITORA DA LÍNGUA PORTUGUESA* SEGUNDO A NOVA ORTOGRAFIA E AS OBRAS *ACORDO ORTOGRÁFICO – O QUE MUDA E ACORDO ORTOGRÁFICO NO ENSINO BÁSICO*. SENDO UMA DAS RESPONSÁVEIS PELA PÁGINA DO CONVERSOR ORTOGRÁFICO DA PORTO EDITORA, É UMA DAS PESSOAS MAIS ENVOLVIDAS NA APLICAÇÃO DAS NOVAS REGRAS ORTOGRÁFICAS EM TODO O GRUPO PORTO EDITORA E UMA DAS FORMADORAS SOBRE O TEMA.

REVISTAME

COMPÕE-ME

A MÚSICA É UM ELEMENTO FUNDAMENTAL NA VIDA DA EDITA-ME. COMO TAL, PENSÁMOS QUE FARIA SENTIDO UMA SECÇÃO DESTINADA A ELA. PEDRO LOPES, MÚSICO RESIDENTE DA EDITORA, É QUEM ASSINA ESTA RUBRICA.

COMPÕE-ME

AMOR ELECTRO

COM ENTRADA DIRECTA PARA O 4º LUGAR DO TOP DE VENDAS NACIONAL,
AMOR ELECTRO ESTREIA-SE COM O SEU ÁLBUM **CAI O CARMO E A TRINDADE**

POR PEDRO LOPES

Marisa Liz, ex-vocalista dos *Donna Maria*, dá voz a este projecto, trazendo já no seu curriculum participações com Simone de Oliveira, Paulo de Carvalho, Rui Veloso, Júlio Pereira, Rão Kyao, Vitorino, Paulinho Mosca (Brasil), Pedro Luís, Parede (Brasil), entre outros.

O disco foi produzido por Tiago Pais Dias, que também tem a seu cargo a guitarra e sintetizadores, vindo de outros projectos como *The Gift / Amália Hoje*, *Cindy Ka*t e *Ghost In The Machine*.

Ao piano, Ricardo Vasconcelos traz-nos o seu cunho "jazzístico", tendo também participado em outros projectos como os *Balla*.

Rui Rechena, é também o baixista dos *Homens da Luta* e *Quadrilha*.

Como músicos convidados, Lito Pedreira na bateria, Celina da Piedade no acordeão, Ricardo Parreira na guitarra portuguesa, Lascas e Tânia na percussão, Yami nos coros e ainda, a participação especial de Adolfo "Luxúria" Canibal.

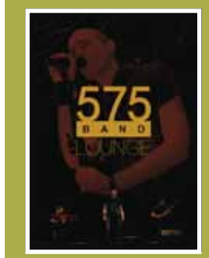
"*A ideia inicial era gravar só o single «A Máquina», mas não quisemos deixar de aproveitar a oportunidade para gravar algumas das músicas que mais gostamos de tocar*"— afirma Marisa Liz.

E assim, renasceram novas versões de temas bem conhecidos de uma geração passada, como por exemplo *Sete Mares* (Sétima Legião), *Bem-vindo ao passado* (GNR), *Capitão Romance* (Ornatos Violeta), *Estrela da Tarde* (José Carlos Ary dos Santos e Fernando Tordo) e *Barco Negro* (do músico brasileiro Caco Velho com a adaptação de uma letra de David Mourão Ferreira).

O tema *A Máquina (acordou)* é o single principal:
http://youtu.be/tnBccuIDTTw

PEDRO LOPES NASCEU EM 1975 NO PORTO, ONDE EFECTUOU OS SEUS ESTUDOS MUSICAIS.
TENDO-SE TORNADO PIANISTA E EXERCIDO ESTA ACTIVIDADE EM DIVERSOS LOCAIS DE EXCELÊNCIA, NÃO DEIXOU NUNCA DE ACEDER AOS PROJECTOS QUE LHE FORAM SENDO APRESENTADOS.
TENDO JÁ ABRAÇADO DIVERSAS VERTENTES NA MÚSICA, FOI EM 2009 FUNDADOR DA *575 BAND*, ONDE DESEMPENHA AS FUNÇÕES DE "TECLADOS" E PRODUÇÃO MUSICAL.

Obras publicadas pela EditaMe:



REVISTAME

INVENTA-ME

O MUNDO DO FANTÁSTICO, NAS SUAS VÁRIAS VERTENTES, É DE UMA RIQUEZA EXTREMA, DANDO-NOS OPORTUNIDADE DE SONHAR E DE INVENTAR DE UMA FORMA ÍMPAR. ESTA SECÇÃO FOI CRIADA A PENSAR NOS MÚLTIPLOS AUTORES EXISTENTES E SEM VOZ DESTE TIPO DE OBRAS.

INVENTA-ME

ILHA VERMELHA

SEGUNDA PARTE

POR SUSANA C. FONSECA

Foi assim que ele me dirigiu a palavra com o ar mais natural do mundo, como se estivéssemos na nossa sala de jantar.

"Estás farto de saber que eu não gosto de batatas fritas." Instintivamente foi esta a resposta que lhe dei, em vez de lhe perguntar como lá tinha ido parar.

"Não sabes o que perdes em não gostar!"

"Uma quantidade enorme de sal. É isso que eu perco".

Antes que eu tivesse tempo de continuar a dizer o que quer que fosse, vi uma Magnum apontada na minha direcção.

"E de surpresas, gostas?"

"Que mais tens aí dentro dessa mochila para me mostrar? Por acaso não tens também uma garrafa de *Johnny Walker* vazia?"

"Desta vez não, linda. Tive que beber o resto do chá de todas as vossas chávenas para chegar até aqui e fiquei satisfeito com o sabor delicioso do vosso sangue. O *whisky* serviu sempre para disfarçar esse cheiro que tão bem conheces. É desse líquido que preciso para sobreviver. É de ti em cima duma pedra de mármore que eu me quero servir para jantar."

"Não te chegaram as batatas fritas?" Perguntei-lhe eu, sentindo o ódio crescer dentro das veias. "Eu não entendo como é que nunca suspeitei que fosses um deles. E como é que sabias onde e como nos encontrar."

"Elementar, minha cara. Antes de ser vampiro, eu sou um detective. Foi só seguir durante uns tempos a tua companheira dos olhos cinzentos. Ela é uma verdadeira caixinha de surpresas e digo-te já que a minha tarefa não foi fácil, mas isso agora não interessa nada. Quero que me contes os planos da tua amiguinha desde que aqui chegaram."

Tentei fugir. Tentei sair dali com todas as minhas forças. Quanto mais tentava, mais presa ficava naquelas heras que se enrolavam à volta dos meus tornozelos e em torno da cadeira. Tornei-me num tronco de árvore abraçada por uma planta que me sufocava. Os meus ramos não podiam crescer abafados por aquela força em muito superior à minha.

"Não vale a pena esforçares-te, querida. Neste tempo em que estamos não tens qualquer hipótese se me tentares enfrentar. Se o fizeres, será pior para ti e para as tuas companheiras. Eu estou aqui apenas para repor a ordem que a feiticeira dos olhos cinzentos pretende inverter."

Dirigiu-se à porta e fechou-a e fez o mesmo com todas as janelas que deixavam entrar os rumores do mar. O silêncio invadiu o espaço, e assim que terminou de correr todos os cortinados, também a escuridão caiu sobre nós. Lentamente as heras tornaram-se mais frouxas e as velas iluminaram a sala pelas mãos daquele Ser predador que mostrava agora a sua verdadeira forma: um suposto vampiro assustador, que a mim me parecia uma mistura de Conde Drácula e de homem que precisava de afectos. O seu instinto de sobrevivência deixava apenas mostrar a sua necessidade de sangue para se alimentar e naquele momento só tinha uma possibilidade para me libertar das suas garras que em breve me envolveriam.

Enquanto me concentrava na última esperança, ele sentou-se ao meu lado.

"Podes começar a contar." Foi a ordem dele.

A força mental para invocar o Mostrengo estava a deixar-me cada vez mais fraca e o tempo tornava-se escasso.

"A sereia está na rocha vermelha a tentar desviar a rota dos portugueses para chegarem até esta ilha e as…"

"As…?"

Alguém bateu à porta nesse instante. Ele levou as mãos até à minha boca para impedir que gritasse.

INVENTA-ME

As pancadas na porta ouviram-se com mais força até que um estrondo ensurdecedor percorreu todos os cantos da sala. Reflexos dourados de luz preencheram o lugar, onde antes estava a porta. Atrás da luz surgiu a feiticeira dos olhos cinzentos. Perdi os sentidos pela segunda vez desde que começara aquela estranha viagem.

Quando acordei estava deitada na areia da praia. À minha volta, formando um círculo, estavam todas as feiticeiras de mãos dadas e olhos fechados. Ao meu lado esquerdo, uma visão horrenda: a feiticeira estafeta sem vida. Um fio de sangue escorria ainda pelo pescoço, maculando de vermelho os grãos de areia branca. Voltei a fechar os olhos enquanto alimentava a esperança de que estivesse apenas a viver um pesadelo, consequência de todo o esforço mental que me tinha deixado exausta e confusa. Queria partir outra vez para onde tinha estado antes de abrir os olhos. Queria deixar de sentir que existia, voltar ao meu sono profundo, mas era como se alguém me estivesse a agarrar com muita força para que isso não acontecesse. O abraço da vida tornou-se infinitamente mais poderoso do que o abraço da morte.

Senti a respiração de alguém muito próximo de mim, em distância e em familiaridade.

"Irmã, as minhas mãos estão sobre as tuas. Tens que deixar entrar o calor que te estou a passar. Tivemos que transferir o que restava da energia da irmã estafeta para ti. Não deixes que ela tenha morrido em vão. O abraço da morte é tentador, mas deixa-te guiar pelos nossos braços que te acolhem, como este braço de mar acolheu os portugueses que quase aqui chegavam."

Os meus olhos verdes abriram-se e abraçaram os olhos cinzentos que me pediam para viver. O círculo ficou cada vez mais próximo e dividiu-se em quarto crescente e quarto minguante. Todas as feiticeiras do quarto crescente pegaram em mim e levaram-me para junto das árvores que ficavam atrás da casa. As do quarto minguante pegaram na feiticeira sem vida e entraram pelo mar dentro. A feiticeira dos olhos cinzentos ficou de joelhos em cima da areia, de frente para o mar, e agradeceu ao Mostrengo a ajuda que tinha prestado ao avisá-la, quando eu estava em situação de perigo. Naquela ilha só era possível comunicarmos umas com as outras como o resto dos comuns mortais, só que o Mostrengo tornou-se o nosso elemento de ligação.

Os portugueses tinham seguido a rota prevista por Vénus para a 'Ilha dos Amores' e a noite caía lentamente sobre nós, escondendo assim um pouco da desilusão e tristeza espelhadas nos nossos olhos. Desconhecíamos o paradeiro da feiticeira escritora e da sua assistente e temíamos que o pior tivesse acontecido. Voltámos à sala da toalha vermelha e reunimo-nos à volta da mesa, tentando evitar que o olhar caísse sobre as cadeiras vazias.

A feiticeira dos olhos cinzentos acendeu a lareira e retirou o manto que a envolvia. Os grãos da areia continuavam agarrados ao fino vestido manchado de vermelho que lhe cingia o corpo. Uma das alças deslizou pelo ombro, deixando a descoberto a tatuagem que todas possuíamos e que adquiria novas formas, conforme o nosso estado de espírito. Naquele momento era uma silhueta de sereia que lhe enfeitava a pele branca. Pegou de novo no seu manto cinzento e retirou de um dos bolsos um saco de pele que continha uma pequena quantidade de ervas prateadas que nunca tínhamos visto antes. Retirou de um dos armários um enorme cálice de bronze e colocou-o no centro da mesa. Saiu da sala, levando nas mãos um jarro. Voltou pouco depois e despejou a água salgada dentro do cálice. Colocou as ervas prateadas e verteu três gotas de sangue do pulso esquerdo com a ajuda da espada. Uma a uma, todas nós repetimos os últimos gestos da feiticeira dos olhos cinzentos.

O conteúdo do cálice adquiriu o tom da toalha. Ela pegou nele e dirigiu-se para a beira da lareira. Retirámos os mantos e formámos um círculo à volta do cálice, sentadas no chão. Os nossos olhos viam agora um espelho de sangue onde era possível distinguir formas. Formas de homens e mulheres. Formas que se moviam com sensualidade e paixão. O que estava a acontecer na 'Ilha dos Amores' naquele instante era visto por nós atentamente. E lá estavam, misturadas com as ninfas, algumas vampiras de olhos vermelhos, que só os nossos olhos conseguiam reconhecer. Um cenário idílico repleto de leitos de nenúfares, essências de rosas e velas acesas espalhadas por toda a ilha.

Suspiravam elas e eles e suspirávamos nós por não termos conseguido os nossos intentos.

"Perdemos a única hipótese de nos tornarmos mais fortes do que esses vampiros que nos sugam a vida e que sugam a bondade dos Humanos. Agora resta-nos voltar ao nosso tempo, a tempo!" Foram as palavras da feiticeira dos olhos cinzentos que se fechou depois dentro do seu próprio silêncio.

Adormecemos exaustas e quando a feiticeira taxista acordou e correu os cortinados, a sala foi invadida e aquecida por brilhantes raios de sol.

Todas tínhamos em mente que não seria difícil voltar ao nosso tempo, mas estávamos enganadas. A feiticeira dos olhos cinzentos procurava em todos os armários as ervas que nos permitiriam voltar.

"Eu tinha a certeza que as tinha deixado por trás destas garrafas de vinho. Não está cá nada. Nem teias de aranha!"

"Não pode ser! Procura melhor! Quem é que eu vou transportar nesta ilha quase desabitada? Eu gosto do que faço. Gosto de viver no nosso tempo,

INVENTA-ME

mesmo correndo o risco de um dia ficar vazia de sangue. Gosto de parar o táxi em sítios ermos e seduzir os meus clientes ao luar!"

"Pára com isso!" Ordenou a feiticeira dos olhos cinzentos. "Não podemos desesperar. Temos que manter a serenidade necessária para nos concentrarmos e pensar nos próximos passos a seguir. Eu também não quero ficar aqui presa à mercê dos predadores!"

"Sugiro que façamos o nosso círculo com a recapitulação dos últimos acontecimentos." Disse eu com a calma que me foi possível.

Ninguém pensou duas vezes e todas nos sentámos no chão, à semelhança do dia anterior, mas desta vez a feiticeira dos olhos cinzentos deslocou-se para o centro e com o lápis vermelho, começou a escrever no chão:

1. Descobri a fórmula para viajar no tempo.

2. Viemos todas ao encontro de Vasco da Gama e dos seus marinheiros para desviá-los da rota traçada por Vénus e trazê-los até esta ilha.

3. Se tivéssemos conseguido os nossos intentos, as futuras gerações da nossa espécie não teriam que se preocupar mais com os predadores, porque seríamos infinitamente mais fortes.

4. A nossa irmã estafeta partiu, mas tinha com ela um saco com ervas prateadas que algum dos marinheiros lhe deve ter atirado de longe, deslumbrado com os seus encantos.

Todas nós ficámos admiradas com esta nova informação e lágrimas verdes rasgaram dos nossos olhos com saudades da nossa irmã sempre pronta a ajudar-nos e a ajudar os Humanos com as suas entregas especiais. Em cada caixa ou documento que transportava na sua Vespa amarela, levava também um toque da sua bondade, à qual ninguém ficava imune.

5. A feiticeira escritora e a sua assistente desapareceram.

6. Com as ervas prateadas vimos um pouco do que aconteceu na 'Ilha dos Amores'.

"Esqueceste-te de um ponto importante. Esse último devia ser o número sete. Lembras-te que eu quase morri nas garras do meu marido, que afinal era um vampiro?" Disse eu com voz determinada à feiticeira dos olhos cinzentos.

"Será que era mesmo o teu marido? Não seria alguém que te conhece bem? Alguém imortal? Um vampiro que sempre te rondou sem tu saberes? Tu és uma feiticeira! Vivias com ele. Se ele fosse vampiro, não iria resistir tanto tempo sem se alimentar do teu sangue."

Mais uma vez todos os nossos olhos verdes tocaram os olhos cinzentos com atenção e compreensão.

De repente, aconteceu o inesperado. Entrou pela sala um som violento de vidros a partirem-se. Estilhaços transparentes voaram por cima dos nossos cabelos ruivos, uma vassoura irrompeu estrondosamente para dentro do círculo e, em cima da vassoura, a feiticeira escritora quase sem vida. Tentámos reanimá-la de imediato com toda a nossa energia, mas as nossas tentativas foram em vão. A nossa irmã distraída estava quase sem pinta de sangue. No pescoço, as marcas conhecidas que nos turvaram o olhar. A teoria da feiticeira dos olhos cinzentos acabara de cair por terra, mesmo antes de a pronunciar.

Apertámos o círculo à volta da irmã desfalecida. Tirei-lhe o manto que a envolvia. Estava despida. A sua pele branca reflectia uma aura de beleza. Os longos cabelos ondulados cobriam-lhe uma parte dos seios. Algo no corpo dela nos transmitia a mensagem que tinha sido amada, antes de ser cravejada com os dentes no belo pescoço. Líamos-lhe no rosto uma tranquilidade que habitualmente só era possível deduzir dos seus poemas, quando ela os declamava em voz alta, nas noites de luar em que nos encontrávamos todas na floresta discreta, escondidas pelas árvores mágicas e iluminadas pelas palavras que brotavam da sua boca.

Aconcheguei-a e cobri-a de novo com o seu negro manto de morte e reparei nas suas mãos fechadas. Numa das mãos trazia as ervas que nos permitiriam voltar. Na outra mão, um dos seus poemas.

Pegámos nela e enquanto entrávamos pelo mar dentro, a feiticeira dos olhos cinzentos cobriu toda a ilha com a sua voz doce e encantadora:

Dominar

Não é tarde
Nem cedo
para possuir a floresta
Sem medo
Apenas uma fresta
onde
As ordens
Os modelos
são uma fracção de mim
E os novelos
Estendem-se até ao fim
Dos fios
Do tempo
Da viagem das aves
No céu cinzento
Em que me trazes
Em que o eco
de nós
é fonte de recordação

INVENTA-ME

sem voz
mundo de emoção
dominado
pelo desejo
de passar a porta
e aí revejo
a possibilidade morta
de voltar
ao que eras
e regresso sem medo
pelo caminho das heras
entre o arvoredo
e pergunto
se já será tarde
ou ainda é cedo.

Interrompo agora o relato desta história verdadeira para que entendas, meu filho, a importância deste meu legado que te encarrego de passares à minha neta. Mesmo que eu pereça antes que ela atinja os 13 anos de idade, terás que lhe explicar as suas origens e deverás entender que ela tem uma missão neste mundo, um pouco diferente das outras pessoas que conheces. Protege-a até que chegue a altura de ela se proteger a si própria.

SUSANA C. FONSECA NASCEU NO PORTO EM 1974. DESDE A INFÂNCIA DESPERTOU O INTERESSE PARA A LEITURA E PARA A ESCRITA. DEPOIS DE TERMINAR O CURSO EM LÍNGUAS E LITERATURAS MODERNAS NA FACULDADE DE LETRAS DE COIMBRA INGRESSOU NA ÁREA DO ENSINO. ACTUALMENTE DEDICA PARTE DO SEU TEMPO À ESCRITA E É CO-AUTORA DE ALGUNS LIVROS DE VIAGENS. O FASCÍNIO PELO GÉNERO DO FANTÁSTICO MANIFESTA-SE ATRAVÉS DA PRODUÇÃO DE CONTOS.

O GELO RUBRO

POR JORGE PÓPULO

Opah, valquíria das terras dos dríades, no extremo norte de Zenith, tinha porte e gesto de bela princesa humana. E fora princesa e mesmo rainha na sua gesta de vida. Porém, pelo solstício de Verão, a insurreição súbita dos goblins, adoradores das estalactites de cobre e provenientes das misteriosas Cavernas da Penumbra, colocara o território a ferro e fogo e destronara a regente. Conseguira escapar prodigiosamente graças aos seus 3 magníficos cavalos da linhagem da Túmedra: o Linho, o Fio e o Cordel. Os possantes animais eram do mais puro cristal e partilhavam o espírito e a racionalidade com os humanos e demais seres de Zenith.

O Linho era branco opaco e geria bem e com sabedoria a liderança reconhecida pelos companheiros. O Fio era de um azul-água, verdadeiro golfinho da superfície dos lagos gelados e o Cordel de um verde-líquen que enchia as copas alvas das árvores com promessas de Primavera.

No desterro, Opah fazia planos sobre planos e debatia-os com os equídeos, enquanto deambulavam pela floresta próxima. Nessa tarde, estavam mais efusivos do que o normal na discussão, tanto que não se deram conta de estranhas presenças. Quando entraram numa solarenga clareira, fechou-se à sua volta um forte e metálico biombo de seres muito semelhantes aos humanos. Os elfos vikings! Eram guerreiros possantes, esguios, de longos cabelos e barbas, claros, cintilantes nas suas armaduras.

O Linho tomou posição imediata de defesa, exortando os parceiros na protecção a Opah. Adiantou-se um distinto dos elfos, de farta guedelha castanha clara, ao jeito do carvalho polido e que sobressaía naquela pequena multidão de loiros.

— “Nada temam. As nossas intenções são pacíficas. Eu sou Yopulus e estes são os meus conterrâneos. Mas, quem sois vós, estranhas criaturas?”

— “Sou Opah, rainha das terras que pisais. Fui destronada por uma seita que, como erva daninha, irrompeu do solo e tomou vorazmente toda a beleza e alegria do meu reino. Estes são os meus bravos companheiros. O que nos quereis? Porquê este cerco? Que fazeis aqui?”

— “Perdoai a nossa rudeza, mas tínhamos de nos certificar de que éreis inofensivos e de confiança. Bem, mas falemos do que nos trouxe às vossas costas.

INVENTA-ME

Arghard, a nossa pátria, sempre foi uma terra próspera. Infelizmente, estamos em guerra, agora. Todavia, é uma peleja diferente e não convencional. A amargura veio connosco, mas o desespero e a dor ficaram no nosso país. Por estes dias, precisa de nós para que não se transforme num mero sonho e numa vã memória… É a própria alma de Arghard que se extingue.

Em tempos ancestrais, os nossos antepassados encontraram perdidos no lamaçal do pântano que povoavam uma expedição humana já exangue e com poucos sobreviventes. Os nossos antigos avós valeram-lhes, salvaram-nos e levaram-nos até à fronteira do seu território. Como recompensa receberam das mãos dos visitantes do Norte um esplendoroso cristal rubro, com a indicação de que era um rubi retirado da Árvore Ardósia do Alento. Para ser favorável, deveria ser colocado no lugar mais sagrado que a natureza por ali havia criado. Pois bem, no pântano o único lugar salubre era a nascente de água pura que saciava a sede das minhas gentes antigas. Nesse sítio — actualmente no centro de Arghard — designado desde então como a Nascente Primaz, foi levantada uma base marmórea junto à saída das águas e aí depositado o cristal. A transformação foi imediata. Aumentou o caudal líquido e a energia vital. O pântano drenou-se como que por magia e logo surgiram as mais belas espécies vegetais, silvestres e florais. Iniciou-se época de fecundidade e de expansão pelo conhecimento e pelo mundo. Tornámo-nos um povo evoluído e respeitado. Mas também invejado…

Os trolls de Anquilão, território vizinho, a leste, enviaram uma embaixada para rectificar os tratados de paz e de comércio. Tudo embuste! O séquito não era mais do que uma mão cheia de guerreiros audazes que pretendiam roubar-nos a pedra preciosa do vigor. Não tiveram sucesso, mas a miséria e o castigo caíram sobre nós. Enquanto perseguíamos os infames, o troll que carregava o nosso tesouro caiu num precipício sem fundo, perdendo-se para sempre a relíquia.

Sem a fonte de ânimo, a fonte da água já não consegue manter a prosperidade e a felicidade. Aos poucos e incessantemente, o pântano regressa e ganha terreno. É este o nosso infortúnio. E por isso, numa derradeira tentativa, avançamos para Norte na esperança de encontrar o nobre povo que nos entregou a luz rubra".

Opah estava estarrecida com tudo o que ouvira: —"Então é verdade o que a lenda conta! Entre os seus escritos, os nossos antepassados deixaram uma passagem em que narram uma viagem a Sul e o encontro providencial com gente estranha e algo selvagem. E mais te digo, Yopulus: a árvore de que falas está no jardim a nascente do palácio capital do meu reino e continua a dar frutos. Os nossos povos conheceram-se há longo tempo e momento oportuno!"

—"E porque esperamos?!" — retorquiu em sorriso o elfo —"Nós ajudaremos a escorraçar os invasores e vós, se nos considerardes dignos, ireis recompensar-nos com mais um precioso fruto da Árvore Ardósia. Reeditemos a História!"

Opah anuiu e convocou o conselho dos seus ilustres para preparar a estratégia de reconquista. Começou a reluzir na sua aura de valquíria. Aproximava-se um daqueles momentos solenes em que cumpriria o seu destino em honra dos deuses. Melhor! Desta vez, trataria dos guerreiros vivos primeiro, como humana, e depois vestiria a sua túnica de deidade e escolheria os melhores guerreiros entre os que tombariam no campo de batalha.

A surpresa e a audácia seriam as armas a empunhar. Explicou o seu plano e apurou-o ao detalhe com os membros do concílio. Era essencial capturar Mordaz, chefe militar e sacerdote maior dos goblins, a quem seguiam como se fosse um deus vivo. A perspicácia de Opah apontava para uma das fraquezas do líder dos inimigos. Mordaz ambicionava capturar o Linho, o mais forte dos 3 últimos cavalos túmedros para, com os exorcismos de feitiçaria que tão bem dominava, tomar-lhe os poderes mágicos e assim adquirir o domínio de se transformar em centauro, o que o tornaria invencível e próximo da imortalidade.

Pelo entardecer estabelecido, aproximaram-se das fortes muralhas da capital, Dríadson. Opah usou os poderes da metamorfose e perdeu-se no grupo dos elfos. Era agora mais um dos da comitiva viking que se acercava da urbe. Dirigiram-se a um dos portões.

—"Alto! Quem vem lá?", grunhiu um dos guardas goblins, em palavras tärkish, o dialecto mais popular e conhecido em Zenith.

—"Somos um grupo dissidente dos vikings das Terras Baixas. Somos mercenários e caçadores de troféus, dispostos a servir quem pagar mais. Deixa-nos entrar, temos algo que pode interessar ao teu senhor…"

—"Alto! Nem mais uma passada ou sereis frechados e dizimados como gansos do fiorde" — gritou o guarda, apontando para as ameias, onde inúmeros arqueiros esticavam as armas — "Que negócio quereis com o nosso amo?"

Yopulus respondeu-lhe com uma visão que aterrou o goblin, Orvi de nome. Com um suave gesto, ordenou aos seus homens que se afastassem e destapassem a magnífica imagem do Linho: — "Encontrámos… ahahahahah… saqueámos algo que de certeza fará as delícias do senhor desta grande cidade. Não foi fácil. Aquela gente deu luta, mas foram todos passados a espada. Foi pena terem escapado os outros dois cavalos semelhantes. Com este belo exemplar, contamos colectar um pequeno tesouro".

Orvi engoliu em seco mas evitou os comentários. Sabia que seria castigado e poderia estragar o negócio ao seu chefe. — "Esperem. Vou relatar a vossa chegada". Encerrou os grossos portões sem grande alarido para, depois, longe dos olhares dos estranhos, desatar a correr como se fugisse do Sol. Não demorou muito a regressar e a deixar entrar os vikings: — "Venham, tenho ordens para vos levar à cidadela. A todos não. Escolhe uma dezena dos teus guerreiros para te acompanharem. E tragam o equídeo."

Dríadson era uma grande cidade e uma verdadeira fortaleza. Ostentava uma poderosa muralha exterior e mais duas, ligeiramente mais leves, no interior. No ponto mais alto contava ainda com um último reduto de segurança, uma cidadela, onde se elevava o palácio e o centro político e religioso da capital.

Uma escolta conduziu os viandantes à presença do grande líder. Entraram numa sumptuosa e gigantesca sala. Estribaram após a porta. Em frente e espalhados pelo chão do salão — não

INVENTA-ME

havia mesas ou cadeiras — dezenas de goblins comiam descontraidamente. Mantinham o costume das cavernas.

Um dos elfos suspirou baixinho, decepcionado. Era Opah. Porém, logo se aprumou porque um dos comensais levantou-se, passou por eles e posicionou-se a admirar o Linho. Brilhavam os olhos e um sorriso macabro esgueirava-se dos lábios brancos de Mordaz. — "Deveis saber quem sou. Juntai-vos ao repasto. Veremos que tipo de fortuna vos traz por cá…"

— "A do ouro!" gracejou Yopulus. Este e três dos seus homens agruparam-se com Mordaz e os dignitários goblins. Os restantes ficaram junto do Linho.

— "O que pretendeis em troca desse animal de gelo?"

—"Ora, ora, senhor Mordaz, este belo espécime é de uma raça singular e exemplar quase único. Com todo o respeito, vale bem uma recompensa generosa de vossa parte. Dai-nos 100 lingotes de ouro e a guarida por 3 dias."

—"Muito bem, a guarida fica assegurada. Quanto ao ouro, vou pensar se vos darei 50 ou 25 lingotes. Agora, sereis levados para uma ala do palácio onde passareis a noite, bem guardados. O cavalo ficará convosco. Com a vossa ânsia pelo vil metal, ninguém o protegerá melhor".

Foram instalados noutra grandiosa sala, mais uma vez, sem qualquer mobiliário. Opah assumiu a sua fisionomia de valquíria e humana e correu para uma laje vertical que se demarcava numa das paredes. A grande maioria das divisões do palácio estava munida de uma ou mais passagens secretas, que ramificavam no interior dos grossos muros da cidadela e muralhas até ao exterior. — "Rápido! Ajudem-me a puxar esta pedra azul, é o manípulo para abrir a porta da vingança!".

Pela manhã, os goblins acordaram com a cidade cercada com todo o tipo de criaturas das paragens mais escusas de Zenith. O Fio correra à Floresta Mágica e reunira todos os dríades extraviados e tantos outros, de outras espécies, que quiseram engrossar as fileiras da reconquista. O Cordel, de cavalgada de luz, visitara os muitos povoados e agremiara para a causa umas largas centenas de guerreiros. Uma algazarra de vozes e dialectos anunciava a presença de humanos, fadas, gnomos, gigantes, duendes, dragões, elfos, faunos, gárgulas, entes, grifos e até trolls.

Avisado, Mordaz subiu a um torreão da cidadela para avaliar a situação.

— "Finalmente tiveram coragem. Mas não terão qualquer hipótese de vencer a nossa fortaleza. É um bom momento para lhes dar o golpe de misericórdia e capturar os rebeldes. Preparem-se! Vamos fazer uma sortida de surpresa e esmagar estes imbecis. Um lingote de ouro para quem me trouxer Opah!"

As falanges goblins começaram a abandonar a cidadela e a concentrar-se no largo adjacente à porta principal da muralha exterior, para a formação de ataque. O palácio estava agora ocupado apenas pela minguada guarda pessoal de Mordaz. Era o momento de ferrar a tenaz na hierarquia goblin.

Quando se preparava para deixar o torreão, o pálido Mordaz ficou translúcido. Sem saber como e de onde, contemplou a cidadela a encher-se de grupos crescentes de elfos e humanos, sobretudo. Estes, rapidamente, correram a manipular a guarnição das portas da cidadela, para as encerrar.

Durante a noite, Opah fizera com que os seus leais súbditos e aliados se infiltrassem na cidade, através dos túneis e portas secretas, que tão bem conhecia. Fora um golpe de mestre. Encontrava-se agora em perigo a elite goblin.

Os aliados da reconquista lançaram-se em caça daqueles, abatendo, um a um, todos os que oferecessem resistência. Por fim, cercaram Mordaz no seu último reduto: um amplo terraço da cidadela e o seu ponto menos alto. Opah e os seus dominaram os goblins, com a preciosa ajuda e porte do Linho. Aprisionado, Mordaz rangia os dentes, espumando de ódio e não tirando os olhos do cavalo de cristal. Estava desesperado e disposto a tudo. Em esforço, empurrou os guerreiros que o agarravam, pegou num machado e correu para o Linho: —"Maldito sejas! Se não és meu, também não serás de ninguém!". Na passada, puxou a arma acima do ombro e desferiu um violento golpe. O Linho, expoente máximo da agilidade, facilmente se esquivou ao ataque, colocou-se em posição de defesa e presenteou Mordaz com um potente coice de luz que o fez passar directamente sobre as ameias e cair no terreiro, de uma altura equivalente a 6 árvores centenárias. Terminava assim e ali a vida malfadada do tirano Mordaz, o responsável por tanto mal, destruição e dor.

Opah tinha um longo caminho pela frente para reorganizar o reino e restabelecer os padrões da vida e das vivências. Contava com o Linho, o Fio e o Cordel para a ajudarem. Os vikings elfos receberam um novo rubi, o gelo rubro que tanto aguardava o seu povo. E, na despedida, Yopulus sentiu um arrepiar com as promessas de amor no olhar descuidado da valquíria rainha…
… Mas isso é uma outra LONGA história…

JORGE PÓPULO NASCEU EM 1970. NOS BRAÇOS GRANÍTICOS DO INVICTO BERÇO PORTUENSE E DA ALCOFA DE MATIZ TRANSMONTANO, VIU A LUZ EMANADA DA MATERNIDADE, PARA LOGO ESPREITAR AS CORES DA EXISTÊNCIA, NO BAIRRO DO LEAL.
DECIDIU QUE A HISTÓRIA ERA O SEU RUMO. ACABOU POR ENGROSSAR O EXÉRCITO DE ESTUDANTES UNIVERSITÁRIOS. VIAJOU POR MUNDOS DISTANTES, PRESOS NO PASSADO, MAS CORREDIÇOS PARA O FUTURO.
FICOU A CONHECER MELHOR O PRESENTE. ESTUDOU CIÊNCIAS DOCUMENTAIS E CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO.
ACTUALMENTE, TRABALHA E ESTUDA NA FACULDADE DE ENGENHARIA DO PORTO. ESCREVE NAS HORAS LIVRES. NAS HORAS MAIS SUSCEPTÍVEIS, SOBRETUDO…

Obras publicadas pela EditaMe:

ARTIGO EDITORIAL

A PRESSA

POR CARLOS LOPES

Não raras vezes sou confrontado com autores que, 15 dias após o envio da sua obra para análise, nos contactam no sentido de obterem uma resposta, pelo facto de terem de decidir entre propostas que entretanto já lhes foram apresentadas por outras editoras e que exigem a resposta do autor num determinado prazo, sob pena de caducidade das mesmas. A todos eles dou a mesma resposta: aguardo pelo parecer do Dep. Editorial.

Uma editora tem uma função bem definida. Ou pelo menos, assim deveria ser. Essa função passa por analisar novas obras que lhe chegam e, segundo critérios de qualidade pré-estabelecidos e sem preconceitos, exercer uma escolha criteriosa do que deve ser publicado. Mais do que a vertente económica ou do lucro puro, é função de uma editora criar oportunidades aos novos valores, dando-lhes visibilidade e realização corpórea, naquele que é (ainda) o objecto por excelência de um bom escritor: o livro.

Este é um processo moroso, que envolve diversos níveis de responsabilidade e de profissionais. Desde a leitura na íntegra de todos as obras que nos chegam, o reflectir sobre elas, o avaliar o seu potencial — que poderá ter tudo para ser uma grande obra, mas faltar-lhe "algo" — apurar esse "algo" e transmiti-lo ao autor, para que ele — caso assim o deseje, pois temos sempre presente o nosso lema: "A obra pertence ao autor" — consiga fazer a sua obra "crescer" e levá-la a, mais do que ser "apenas" uma boa obra, tornar-se numa "grande" obra.

Após este trabalho de cooperação entre editora e autor, surge a tarefa imprescindível do revisor, esse "tira nódoas" da literatura que faz com que um texto com algumas manchas apareça aos olhos do leitor limpo e imaculado.

Apenas quando terminada esta tarefa, é possível que a obra (ainda em ficheiro electrónico) seja entregue ao designer, para que este possa dar-lhe um "rosto" e um corpo personalizados. Mas tal como um designer de moda não desenha carros, assim é importante que este seja um designer com formação e experiência na vertente do livro, com o saber de como um livro deve ser planeado,

desenhado e construído, pois embora possa parecer ténue a linha que separa um bom de um mau design, é notória a diferença entre um livro com um design profissional e outro com aspecto de "manual caseiro" ou "técnico".

Por fim, para que este "todo" resulte num bom produto, é igualmente importante a escolha dos materiais, tipo de acabamento e forma de produção.

Tudo isto… apenas para chegar ao início do processo de lançamento de um livro, que é o de ter o livro pronto fisicamente, que (como sempre costumo dizer aos autores) na Edita-Me, este não é o fim, mas sim o princípio da aventura de ser um autor. Concluído este processo, há que apresentá-los (obra e autor), divulgá-los e levá--los ao mais diversificado tipo de públicos, para que o seu trabalho possa sair do conhecimento restrito do seu ciclo social e abarcar um público mais vasto e mais diversificado.

Para conseguir levar a cabo todo este processo, dentro destes moldes e com qualidade, há uma matéria indispensável e absolutamente necessária: Tempo.

E tantas vezes, os primeiros a "sabotar" todo o processo, são aqueles que em primeiro lugar deveriam zelar por ele: os próprios autores.

Cumpre aos autores fazer a distinção entre uma editora, que desenvolve este tipo de trabalho, que analisa as obras, que produz um relatório sobre elas, que selecciona o que publica (e com isso, consegue uma conotação de qualidade para as obras por ela editadas e consequentemente para os autores) e como tal, não apresenta uma proposta de edição numa semana ou em quinze dias; de uma "editora" que por ter em consideração apenas a vertente financeira, não só dá respostas em prazos muito curtos, como ainda impõe um prazo de resposta, como que atribuindo às obras (e ao respectivo autor) um certificado de "qualidade a prazo". Isto para não mencionar outros aspectos, como o não efectuar revisão das obras, ou ser um administrativo a fazer a paginação das mesmas em processador de texto, entre outras.

É óbvio que falamos de negócios e propósitos de negócio diferentes. Todos têm encaixe numa sociedade de consumo e cumpre, obviamente, aos autores seleccionar o caminho que pretendem seguir: o do facilitismo, com uma (possível) desilusão, ou o de saber esperar por uma resposta crítica que, a reconhecer-lhe qualidade, tudo fará para alcançar bons resultados, dentro de uma base de respeito e consideração não só por ele enquanto autor, mas também pelo produto que albergará o fruto desse seu trabalho: o livro.

Carlos Lopes.

CHEGADOS QUE ESTÃO AO FINAL DESTE SEGUNDO NÚMERO, AGRADECEMOS AS VOSSAS CONSIDERAÇÕES PARA QUE COM ELAS POSSAMOS CRESCER, EVOLUIR, PENSAR MAIOR E MELHOR. AGRADECEMOS O SEU ENVIO PARA revista-me@edita-me.pt.

COMO AFIRMADO NO PRIMEIRO NÚMERO: ESTA REVISTA É VOSSA E PARA TODOS!

ABRAÇO,

CARLOS LOPES

REVISTA-ME

edita-me

Rua Barata Feyo, 140 - Sala 1.10
4250 - 076 Porto | Portugal
www.edita-me.pt

REVISTA-ME Nº2

ISSN 2182-2018

DIRECTOR/EDITOR
CARLOS LOPES (EDITA-ME)

CAPA E PAGINAÇÃO
MIGUEL MINISTRO (EDITA-ME)

REVISÃO DE TEXTOS
PATRÍCIA FIGUEIREDO (EDITA-ME)

SUBSCREVA A REVISTA-ME:
revista-me@edita-me.pt

Vamos dar voz e luz do dia a todos os artistas que pululam neste País de poetas, prosadores e de músicos e ousamos dar a estes autores a oportunidade de publicarem as suas obras e de se fazerem ouvir.

GLASSDRIVE®

Especialistas em Vidro Automóvel

APOIAMOS A CULTURA